

# PERNAMBUCO

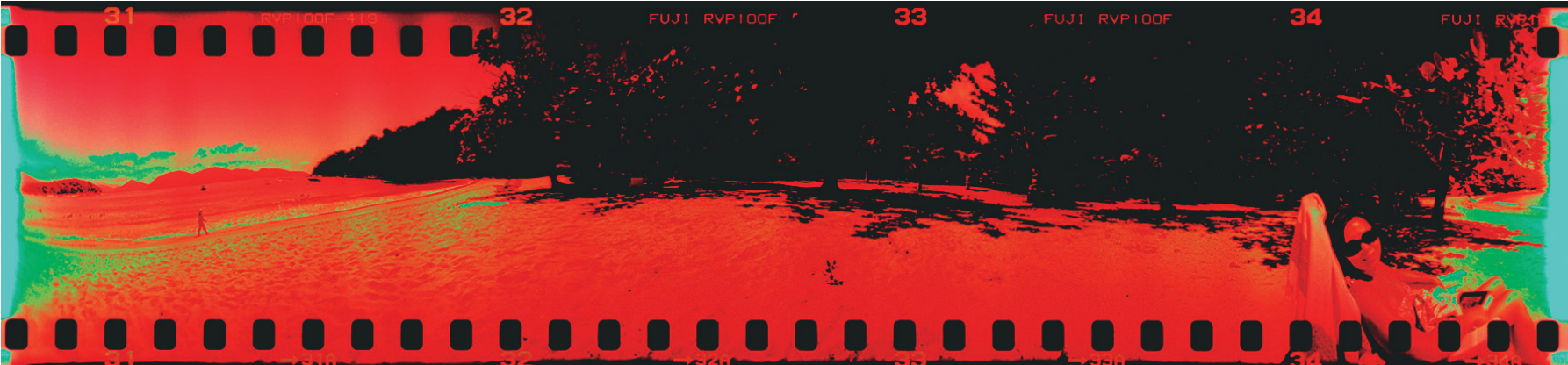
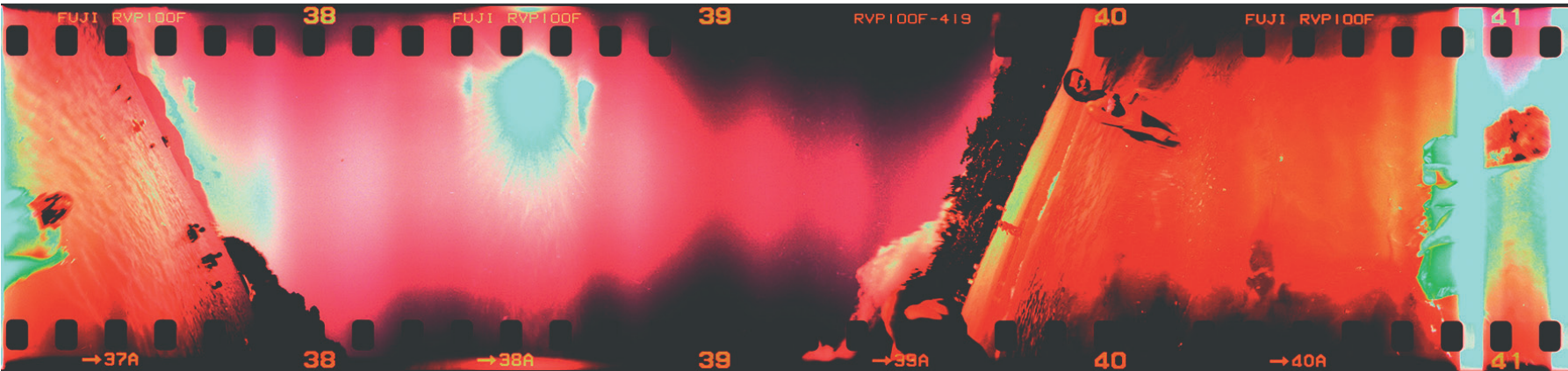


## ADIVINHE QUEM É

Entenda como o trabalho dos designers de capas dos livros  
podem ajudar você a decifrar melhor uma história



# GALERIA



## MAWÁ

“Como fotógrafo e videoartista, desenvolvo meus trabalhos com imagens em experimentações plásticas. Estas fotografias fazem parte de uma série de abstrações chamada *Pequenos infinitos*, na qual tento materializar minhas divagações imaginativas. Num processo intuitivo e artesanal, vou construindo esses universos, usando materiais simples, até conseguir dissolver em cores e formas as representações comuns da realidade.”

[www.flickr.com/photos/mawa/](http://www.flickr.com/photos/mawa/)

## CARTA DO EDITOR

**Quem nunca ouviu** a expressão escolher o livro pela capa? Apesar de pejorativa, ela faz muito sentido: em tempos nos quais qualquer milímetro numa livraria é disputado a tapas, a beleza visual de um livro conta. E muito. Mas uma bela capa não é só um capricho comercial. Também é quase parte integrante de uma obra. É sobre isso que tratamos e defendemos na edição deste mês do **Pernambuco**, com um ensaio da designer e jornalista Patrícia Amorim.

“A bela capa e o projeto gráfico apurado não devem ser vistos, contudo, como exclusividade do texto literário, embalando prosa e poesia, principalmente em suas versões mais sofisticadas. Defensor do livro enquanto obra de arte em plena emergência da produção em massa no período vitoriano, o designer britânico William Morris já afirmava que independente de sua temática e por mais despojado que seja, este pode e deve ser uma manifestação de refinamento”, destaca Patrícia. O seu texto é construído também como uma memória emocional das capas que lhe “contaram” histórias. A matéria de capa se completa com uma crônica inédita de Ronaldo Correia de Brito, um escritor que faz

questão de firmar parcerias com os capistas das suas obras. E com razão: seus livros têm um acabamento visual invejável. É o caso do novíssimo livro de contos *Retratos imorais*, que é ilustrado pela foto de um homem mergulhado no mar, uma imagem “invadida” por um branco profundo, perfeito para contrastar com o adjetivo “imoral” do título.

Vale a pena conferir a entrevista de Alberto Mussa sobre o romance *O senhor do lado esquerdo*. Essa é uma das obras mais marcantes da literatura brasileira deste ano, que é sustentada por uma “tese” inusitada: são os crimes (os grandes crimes) que justificam e desvendam uma cidade. Em tempo: a sinopse desse livro é necessária. O secretário da presidência da República é morto na Casa das Trocas, um prostíbulo sofisticado para os padrões do Rio de 1913, dirigido pelo médico polonês Miroslav Zmuda, um estudioso da sexualidade. Ao investigar o crime, o perito Sebastião Baeta vê seu ceticismo ser confrontado pelo sobrenatural e acaba se metendo, com o suspeito Aniceto – um malandro sedutor de mulheres –, numa absurda aposta de fundo erótico.

Boa leitura e até o próximo mês

## PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO  
*Governador*  
Eduardo Campos

*Secretário da Casa Civil*  
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA  
DE PERNAMBUCO – CEPE  
*Presidente*  
Leda Alves  
*Diretor de Produção e Edição*  
Ricardo Melo  
*Diretor Administrativo e Financeiro*  
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL  
Everardo Norões (presidente)  
Antônio Portela  
Lourival Holanda  
Nelly Medeiros de Carvalho  
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO  
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO  
Luiz Arrais

EDIÇÃO  
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO  
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO  
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas,  
Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto  
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE  
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO  
Gilberto Silva

**CePE**  
EDITORA

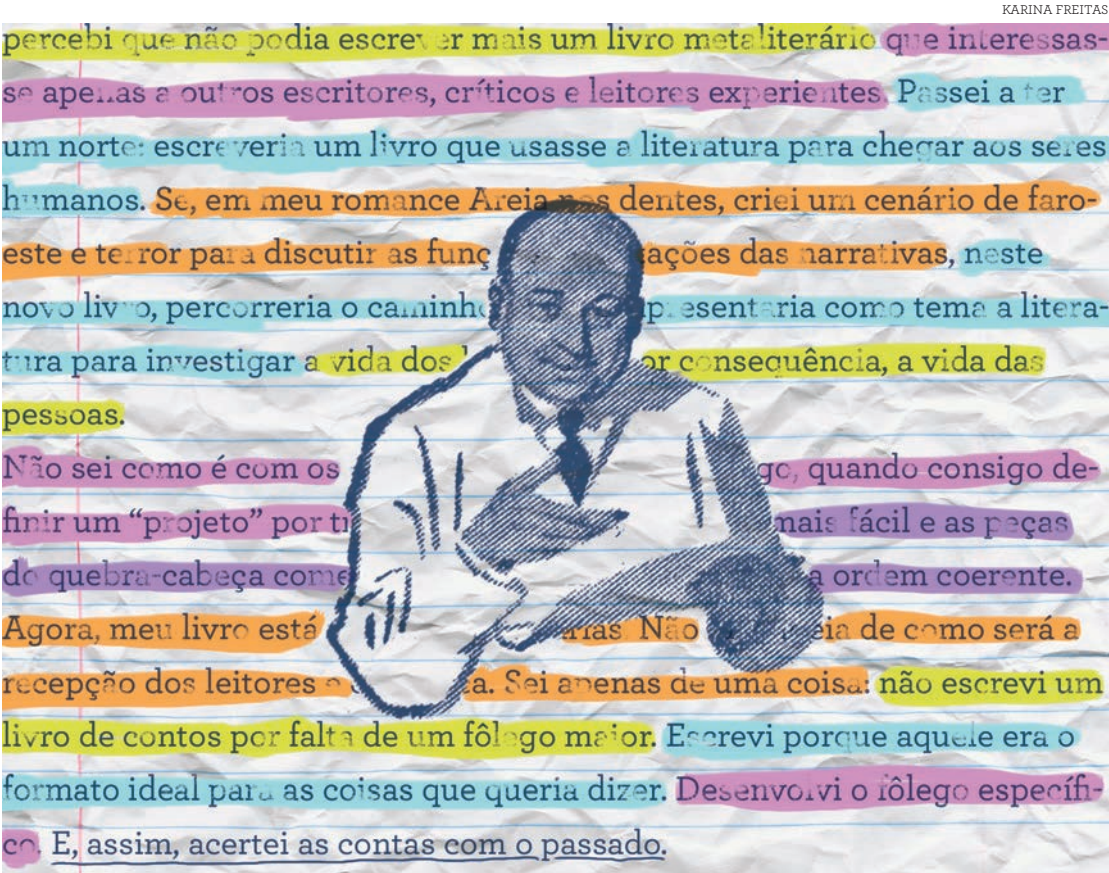
PERNAMBUCO é uma publicação da  
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife  
CEP: 50100-140  
Contatos com a Redação  
3183.2787 | [redacao@suplementope.com.br](mailto:redacao@suplementope.com.br)



BASTIDORES

Literatura: um instrumento de investigação

Escritor gaúcho lembra dos “erros” que cometeu ao publicar seu primeiro livro de contos, em 2006, e destaca como aprendeu com os tropeços dessa sua estreia



Antônio Xerxenesky

Muitos contistas afirmam que a narrativa breve não é mais fácil de escrever do que o romance. Eles apontam todas as dificuldades de alcançar a concisão necessária para que o conto tenha um impacto no leitor. Eles estão certos. Todavia, muitas vezes os autores – especialmente os jovens – escrevem contos porque não tem fôlego para uma narrativa mais longa. Sei disso porque já fui um desses autores.

Poucos leitores meus sabem, mas meu primeiro livro não foi o romance *Areia nos dentes*, e sim uma coletânea de contos brevíssimos chamada *Entre* (que um dia há de figurar no cânone de piores títulos da literatura). Reunindo histórias que escrevi na adolescência, o livro foi publicado em 2006, com financiamento da prefeitura de Porto Alegre e, por sorte, foi bastante ignorado pela crítica e pelo público (eu não saberia lidar, na época, com opiniões sinceras sobre o livro). Ele é um exemplo ótimo dos riscos de se publicar jovem demais: o autor pega os melhores textos que conseguiu produzir e junta em documento de Word, sem se preocupar com o fato de que aqueles contos não formam uma unidade temática ou estética. Chama aquilo de livro e o lança no mundo. Foi o que fiz, e é o que muita gente faz até hoje.

Mas pulemos para 2009. Apenas três anos se passaram e muita coisa mudou. Eu tinha publicado um romance pela minha própria editora e o livro encontrou seu público e agradou um punhado de leitores. O passo mais lógico seria escrever mais um romance – é isso que os outros esperam de mim, eu pensava. Mas, um dia, depois de muito ler Bolaño para meu trabalho de conclusão de curso, escrevi um pequeno continho inspirado em *Una aventura literaria*, do autor chileno. Gostei do texto, gostei da sensação. Então, escrevi outro conto nessa linha, um pouco mais cômico, um pouco menos “inspirado em outro escritor”. E outro. Diabos. Estou escrevendo contos, mais uma vez. Bolo um plano: lançar um livro fininho com poucos contos pela minha editora. Uma edição linda, com diferentes tipos de papel. Tiragem pequena. Algo para mandar de presente para os amigos. Chamo minha amiga Ivo Holthausen para criar um projeto gráfico matador. E continuo escrevendo contos, todos girando em torno de literatura.

Certo dia quente de outono, recebo um telefonema da Rocco. Gostaram do romance *Areia nos dentes*, querem conhecer o que estou produzindo no momento. Encurtando a história, assino um contrato com eles para um livro de contos. E, de repente, aquela brincadeira virou coisa séria. Olho aquele amontoado de contos e penso: “de novo não”. Repetir os erros do passado, nem pensar. Chegou a hora de escrever um livro de contos respeitando o gênero – seus limites, suas vantagens,

ou melhor, suas especificidades. Nada de falta de fôlego: desenvolver um fôlego específico para aquele tipo de corrida.

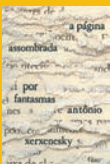
\*\*\*

Há quem diga que o formato “disco” está morto. As pessoas, em plena época do mp3, estão interessadas em músicas soltas. E, ainda assim, minhas maiores experiências musicais foram com discos nos quais cada música parece complementar a outra. Um álbum que, no final da audição, parece ser maior do que a soma de suas partes. É assim com o *Loveless*, do My Bloody Valentine, e com o *Ys*, da cantora Joanna Newsom. Esse deve ser o objetivo de um livro de contos, pensei.

Mas eu estava escrevendo sobre literatura e a última coisa que o mundo precisa é de mais livros que falam sobre livros. Foi nesse momento que comecei a redação do conto *Algun lugar no tempo*. Ao contrário dos outros textos, irônicos e ambíguos, este era um relato bastante autobiográfico que falava de minha infância ao lado de meu irmão. Meu irmão Pedro não é um grande leitor. Pelo contrário, detesta literatura, e pode contar nos dedos o número de romances que leu até o fim. A partir deste momento percebi que não podia escrever mais um livro metaliterário que interessasse apenas a outros escritores, críticos e leitores experientes. Passei a ter um norte: escreveria um livro que usasse a literatura para chegar aos seres humanos. Se, em meu romance *Areia nos dentes*, criei um cenário de faroeste e terror para discutir as funções e limitações das narrativas, neste novo livro, percorreria o caminho inverso: apresentaria como tema a literatura para investigar a vida dos leitores, e, por consequência, a vida das pessoas.

Não sei como é com os outros escritores, mas comigo, quando consigo definir um “projeto” por trás do que escrevo, tudo fica mais fácil e as peças do quebra-cabeça começam a se ordenar seguindo uma ordem coerente. Agora, meu livro está pronto, nas livrarias. Não faço ideia de como será a recepção dos leitores e da crítica. Sei apenas de uma coisa: não escrevi um livro de contos por falta de um fôlego maior. Escrevi porque aquele era o formato ideal para as coisas que queria dizer. Desenvolvi o fôlego específico. E, assim, acertei as contas com o passado.

O LIVRO



A página assombrada por fantasmas  
Editora Rocco  
Páginas 128  
Preço R\$ 23,50

CARTUNS

RAUL SOUZA  
HTTP://WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/RAUIS\_/





POLÊMICA

# Certeza de que há um alguém na multidão?

O real papel das antologias de novos autores para a literatura contemporânea

Cristhiano Aguiar



Nos últimos anos, uma série de publicações procura oferecer aos leitores um panorama da produção literária contemporânea. Ano passado, em um curso sobre teoria da narrativa no qual incluí a análise de textos contemporâneos, dizia aos meus alunos que o estudo da “literatura contemporânea” possui algumas dificuldades. Primeiro, a própria conceituação do que nos propomos a pesquisar. O que significa “contemporâneo”? A partir de que época a literatura pode ser assim chamada? Definir o “contemporâneo” é muito mais difícil do que desenvolver, por exemplo, os conceitos de “barroco”, “arcadismo”, ou “romance nordestino de 30”. Um dos motivos é o fato de que a contemporaneidade não é um conjunto de características definidas. Ela é um momento de travessia; um desafio que o pensamento a respeito da cultura, num certo momento, lança a si próprio; o contemporâneo, deste ponto de vista, é um conjunto caótico de eventos e fenômenos à espera da história.

Os românticos, ou os barrocos, nunca custa lembrar, já foram “poesia e ficção contemporânea”. Quando falamos de “barroco”, “romantismo” ou “regionalismo”, porém, temos hoje uma noção razoavelmente sólida do que podem significar estes conceitos. O contemporâneo, ao contrário, não se esgota, ele está sempre em potência. É tudo que se encontra daqui para frente. Esta é a importância das antologias que tentam, como é o caso da *Geração Zero Zero*, organizada pelo paulistano Nelson de Oliveira, mapear a produção contemporânea. Sempre penso nas antologias como algo semelhante a uma imagem; a imagem de um tempo; imagem construída, claro, com palavras. No caso de antologias como a *Zero Zero*, trata-se da primeira imagem de uma história que começa a ser contada pela nossa geração, mas que a atravessará.

No final da década de 1990, o mesmo Nelson de Oliveira organizou uma antologia que teve um grande impacto na cena literária de então: *Geração 90*: Manuscritos de computador, à qual se seguiu *Geração 90*: Os

## O objetivo das antologias de novos autores, a sua razão de ser, reside na intervenção a um determinado contexto literário

*transgressores*. Naquele momento, surgia uma quantidade considerável de novos ficcionistas. Alguns, como Marcelino Freire, Marcelo Mirisola, ou o próprio Nelson, obtiveram um reconhecimento mais imediato, ao passo que outros, como os recentes vencedores do Prêmio São Paulo Altair Martins e Rubens Figueiredo, chamaram atenção da grande mídia recentemente.

Em *What is minor poetry?* (O que é poesia menor?), o poeta T.S. Eliot, ao tentar responder à pergunta proposta no título, acaba realizando uma reflexão a respeito das antologias. Eliot desenvolve todo o seu texto a partir de um elogio da literatura menor, entendida por ele como aquela que não causa um grande impacto na história da literatura. Todo amante de poesia, diz ele, todo amante da literatura, digo eu, tem a sua cota de escritores considerados menores, escritores que, embora não sejam canônicos como uma Clarice Lispector ou um Carlos Drummond de Andrade, podem muitas vezes agradar mais ao leitor do que estes. Em todo o seu ensaio, Eliot faz questão de frisar que a hierarquia de valores literários é móvel e depende totalmente da atuação do leitor. Na literatura norte-americana, o nome de H.P. Lovecraft é considerado “menor”, principalmente se comparado a um dos seus mestres, Edgar Allan Poe. Sim, gosto mais de Poe e concordo com as ressalvas que a crítica faz a Lovecraft, mas, mesmo assim, há uma espécie de intensidade febril no estilo dele que me leva a lê-lo com admiração, mesmo que eu saiba o quanto outros escritores norte-

FOTO: RICARDO MOURA



-americanos são mais complexos e profundos. É esta paixão que Eliot considera saudável: o amor pela literatura é carregado de idiossincrasias; elogiar apenas o cânone, apenas a tradição, ele continua, significa ser um bom aluno, mas aventurar-se pela leitura tanto do contemporâneo, quanto pelo que está esquecido, ou é considerado “menor”, implica em uma oportunidade ímpar de desenvolver o próprio gosto, torná-lo mais complexo e de relativizar o que parecia estabelecido. É aqui que as antologias desempenham papel especial nas ideias desenvolvidas por Eliot, porque elas são esta porta de entrada para a novidade.

Existe um critério “coerente” ou “correto” na organização de uma antologia de literatura contemporânea? Eliot dá a entender que não e tendo a concordar com ele. Por quê? Desde que foi lançada, a *Zero Zero* suscita uma série de questionamentos sobre o critério cronológico utilizado. Seria mesmo uma geração? Mas o que é uma geração, apenas um grupo de autores da mesma época? Ou eles deveriam ter uma série de afinidades estilísticas, um projeto estético em comum? Embora estas perguntas sejam importantes para o debate que as antologias podem levantar, elas não são necessárias para falar da *natureza* delas; o conceito de antologia não é definido por uma característica inerente a ela própria, mas sim pela função que ela desempenha. O objetivo das antologias, a sua razão de ser, consiste na *intervenção a um determinado contexto literário*. Os autores nela contidos são uma proposta de legitimação dos seus organiza-





dores, que afirmam ao mundo literário “vejam, estes são os valores que apreciamos e julgamos legítimos, o que vocês pensam deles?”. Antologias de novos autores são gestos políticos e devem ser entendidos, em primeiro lugar, como tal. Assim, os diferentes critérios que as organizam não as tornam “semiantologias” ou antologias com um sinal de menos.

Eliot argumenta que o principal critério para julgar uma antologia consiste não na qualidade dos textos nela contidos, mas na sua abrangência; desta forma, também não adianta procurar consagrar como “maior” ou “menor” os autores nela contidos, porque será o tempo, ou melhor, a dinâmica das inúmeras recepções dos leitores, que cuidará disto. Entretanto, se Eliot desencoraja a hierarquia, isto não significa que não defenda a apreciação crítica. O que os textos de uma antologia de literatura contemporânea podem me dizer? Em que medida seus autores conseguem me convencer de que vale a pena prestar atenção neles? O autor de *Four quartets* formula estas perguntas da seguinte forma: a leitura deste conto contemporâneo me parece genuína, verdadeira? Ela me diz, através do trabalho com a linguagem, algo relevante e renovado?

Aqui começam minhas ressalvas à *Geração Zero Zero*: se sua constituição é legítima e desempenha com eficácia o objetivo de qualquer antologia desta natureza – um dos indícios é a própria existência deste texto – o prazer da leitura dos contos nela contidos foi restrito. A seleção dos autores me parece adequada:

nela estão presentes alguns escritores que já conseguiram construir uma carreira sólida na última década, possuindo premiações, público leitor e fortuna crítica. Concordo também na mistura de nomes consagrados como Daniel Galera e Santiago Nazarian com outros mais desconhecidos, a exemplo de Paulo Sandrini.

A escolha, porém, de publicar apenas textos inéditos cobrou um preço alto a esta antologia. Optar pelos *melhores escritores*, mas não necessariamente pelos melhores textos destes escritores é, como vimos, um método legítimo de constituição de uma antologia, mas cujo risco consiste em recair em textos que não tiveram tempo de amadurecer. Infelizmente, foi o que aconteceu em vários textos da *Geração Zero Zero*.

Vamos a dois exemplos: o conto *Javalis no quintal*, de Ana Paula Maia, consegue desenvolver bem sua narrativa, semelhante à violência *pop* de um autor como Frank Miller, mas a boa cena final tem sua força prejudicada pelo didatismo, que se complementa com uma desnecessária “moral da história” no último parágrafo. Por que não deixar a imagem falar por si só? Ela já é forte o suficiente. Outra boa escritora, Andrea del Fuego, no conto *Um milhão de vezes*, se conforma com o costumbrismo e não consegue afinar a coloquialidade da linguagem popular; no conto posterior, “Francisco não se dá conta”, o resultado é bem melhor, porque a linguagem consegue criar um intervalo entre representação e realidade representada, relação mediada pelo fantástico e pelo tema do duplo.

Nestes dois exemplos, entre outros que poderiam ser apontados na *Zero Zero*, temos ficções que parecem pedir novas reescrituras para alcançar uma potência estética maior. Outras narrativas, além disso, poderiam abrir mão de um experimentalismo excessivo, que acaba tornando-os menos o resultado instigante da sempre tensa articulação entre impulso criador, experiência e linguagem (e desta relação surgirá a invenção formal, que é o modo *necessário* que o texto encontra para recriar a realidade) e mais contos *à maneira de*. Em outros casos, uma vontade de engajamento, de intervenção mais incisiva na esfera de debates públicos, fez com que os autores perdessem a medida da invenção poética.

Assim, se me parece evidente que a *Geração Zero Zero* tem conseguido pautar, com representatividade, nos atuais debates literários, tanto a literatura contemporânea, quanto os autores que integram a coletânea, por outro lado o resultado geral da leitura ficou aquém das minhas expectativas. Isto não significa, entretanto, que a narrativa contemporânea esteja em “decadência”, ou que nossos escritores não conseguem mais transformar a ficção em algo relevante (os Quatro Cavaleiros do Apocalipse são um dos piores chavões da crítica literária). Esta apenas é a minha hipótese de leitura; qual vai ser a sua? Das inúmeras respostas em diálogo se alimentará o tempo, irredimível.

**Cristhiano Aguiar** é escritor e doutorando em Teoria Literária



ENTREVISTA  
Alberto Mussa

“Literatura, ainda que sofisticada, é para mim diversão”

Acrescentando técnicas da narrativa policial a um enredo mitológico e cheio de reviravoltas, escritor carioca cria um dos romances mais originais do ano

DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Luís Henrique Pellanda**

**Difícil resumir em poucas** linhas o novo romance do carioca Alberto Mussa, *O senhor do lado esquerdo* – desde já candidato a livro do ano. Também é bastante complicado entrevistá-lo a respeito da obra via e-mail. O ideal seria uma conversa presencial, cheia de parênteses generosos, pontes e bifurcações, assunto puxando assunto. Não se dá conta de todos os aspectos do trabalho de Mussa em meia dúzia de perguntas temáticas. Mitologia, romance policial, associações entre morte e sexo, as origens do Rio de Janeiro, estereótipos raciais. São tópicos obrigatórios, entre tantos outros. E é sobre eles que Mussa discorre na entrevista abaixo.

Em tempo: a sinopse necessária. O secretário da Presidência da República é morto na Casa das Trocas, um prostíbulo sofisticado para os padrões do Rio de 1913, dirigido pelo médico polonês Miroslav Zmuda, um estudioso da sexualidade. Ao investigar o crime, o perito Sebastião Baeta vê seu ceticismo ser confrontado pelo sobrenatural e acaba se metendo com o suspeito Aniceto – um malandro sedutor de mulheres –, numa absurda aposta de fundo erótico.

**Você é conhecido por criar sua ficção a partir de elementos da mitologia — em sua opinião, o gênero supremo da literatura. Em *O senhor do lado esquerdo* isso se repete, e a história se apresenta ao leitor por meio de uma narrativa policial clássica. Lembrando**

**que a literatura policial é considerada por muitos um gênero literário menor, como foi misturar essas duas grandes influências? Que propósito você tinha ao conceber uma novela tão original?**

Dizer que o gênero policial é inferior, apenas porque atinge um público mais amplo ou por ser regido por alguns princípios rígidos, é uma tolice. Será que *Crime e castigo*, romance policial de Dostoiévski, é menor? *O nome da rosa* é um romance menor? Borges, Bioy Casares, Rubem Fonseca, Sciascia ou Dürrenmatt são menores? Acho desnecessário responder. Há um certo preconceito que me parece decorrente de certas ideias estéticas do início do século 20, de se considerar que só a absoluta liberdade de expressão conduz à grande arte. Para começar, a própria linguagem não é livre. Mesmo as metáforas mais sofisticadas são regidas por princípios previsíveis e predeterminados – ou não seriam decodificáveis. Por outro lado, a ideia de que a arte, digna desse nome, tem que “romper” com algum padrão é, em si mesma, uma restrição à liberdade criativa. Quanto ao emprego da técnica policial com fundo mitológico, já tinha feito isso antes, em *O trono da rainha Jînga* e em algumas das histórias que compõem *O movimento pendular*. Os policiais, para mim, têm a vantagem de tornar a narrativa mais intelectual e menos subjetiva (um aspecto que, em excesso, me incomoda). Não sou um teórico da literatura, mas acredito intuitivamente que a ficção se decompõe em quatro níveis: o primeiro é a ideia, o tema, o assunto, a mensagem, a essência do que se vai dizer; o segundo é a história abstrata, que vai conduzir e incorporar essa ideia; o terceiro é a história estruturada, na forma como ela se apresenta, na sequência precisa das proposições, respeitadas as convenções do gênero escolhido; e o quarto é o estilo, a linguagem propriamente dita, com suas peculiaridades vocabular e sintática, que às vezes tornam um autor inconfundível. O emprego da mitologia entra, na minha ficção, no primeiro plano, o plano do tema,



“ Não sei se há coisa que desperte mais curiosidade no homem do que saber como o Outro é, sexualmente

“ As sociedades humanas, todas elas, têm como um dos principais fundamentos o controle da sexualidade

do problema que eu quero discutir. A técnica policial diz respeito ao terceiro plano: é a maneira de contar. Não é, talvez, tão original assim.

Sendo essa mistura às vezes borgeana de literatura e história, realidade e ficção, invenção e mito, um aspecto recorrente dentro da sua obra, você acha que a arte em geral — e a literatura, mais especificamente — possuiria hoje uma função próxima àquela que, em outros tempos, teria sido a dos mitos: criar ou recriar valores e, de alguma forma, discuti-los? Não acho que toda a literatura faça isso. O mito é, no sentido estrito, uma forma de narrar que apresenta, de maneira metafórica, alguma teoria, seja sobre a constituição do universo, seja sobre a natureza humana. Busco a mitologia porque é esse tipo de matéria que me interessa. Mas não vejo a ficção contemporânea, no Brasil e no mundo, em suas grandes linhagens, seguirem esse caminho.

Miguel Sanches Neto, numa crítica positiva e recente ao seu livro no jornal curitibano *Gazeta do Povo*, disse que, com *O senhor do lado esquerdo*, “Alberto Mussa alcança a estatura de um Mário de Andrade de *Macunaíma*”. Você — que tem restrições conhecidas à obra de Mário — encontra pontos em comum entre o seu trabalho e o dele? Primeiro, uma breve declaração: considero Mário de Andrade um dos maiores contistas brasileiros; alguns dos poemas (como A

*Serra do Rola-Moça* e *Dois poemas acreanos*) estão entre os mais bonitos que li na minha vida; acho *Amar, verbo intransitivo* um romance muito bom. Agora, não gosto do *Macunaíma*. Não tenho culpa se é justamente o livro mais famoso dele. É burlesco demais, é farsesco demais. Não alcança na realização a profundidade prometida no título. Apesar de original como concepção, reproduz de modo caricato os estereótipos raciais mais recorrentes. Inverte, na prática, a teoria antropológica oswaldiana. É, enfim, um livro que me desagrada, apenas. Mas isso, é claro, não impede a semelhança entre processos criativos. E há ainda muito a explorar, nesse sentido. Pena que o que há de melhor no *Macunaíma* — a recriação literária de um mito indígena — tenha sido desprezado tão cedo pelos outros modernistas.

Em meio à trama de *O senhor do lado esquerdo*, você enumera uma série de crimes eróticos que teriam fundado o Rio de Janeiro como cidade. O que se depreende disso? Ou melhor: o que esse tipo de “fundação” pode dizer sobre o Rio de hoje? E como essa origem se deixa perceber no dia-a-dia da cidade atual? Quando imaginei o romance, ainda no plano abstrato, sabia já de duas coisas: queria explorar os mitos do Rio de Janeiro; e queria escrever uma narrativa policial. Parti, então (e não sei exatamente quando isso me ocorreu), de uma ideia meramente literária: a de que as cidades têm uma personalidade

própria (para falar dos mitos); e a de que essa personalidade se manifesta na história dos seus crimes (para fazer um policial). E o mito carioca é o de uma cidade feminina, sensual, irreverente e transgressora. Por isso, os crimes da cidade têm um fundamento erótico, sexual. Não me interessa se isso é uma verdade histórica ou sociológica. Isso é a verdade do romance. Não sei se outros escritores têm pretensão mais larga, mas não quero que ninguém leia um livro meu para compreender o mundo contemporâneo ou qualquer outra espécie de realidade. Literatura, para mim, ainda que sofisticada, é apenas diversão. E isso não é pouco.

Enquanto lia seu livro, encontrei um paralelo inesperado entre ele e *Breve romance de sonho*, do vienense Arthur Schnitzler. O médico polonês Miroslav Zmuda, dono da Casa das Trocas — uma casa de suíngue onde se promoviam orgias mascaradas — e pesquisador do comportamento sexual, estudou em Viena e foi contemporâneo de Freud, assim como Schnitzler. E, assim como *Breve romance*, o seu livro associa o sexo à morte, trata do poder das fantasias eróticas e aborda a luta pela supremacia sexual. Para você, a questão sexual é o grande tema humano, comparável somente com o fim da vida? Creio que há um pequeno

grupo de grandes temas humanos — a Morte, a Criação, o Conhecimento, o Mal, a Sobrenatureza, a Traição, a Vingança, os Países Exóticos, a Caça ao tesouro e uns poucos mais. Entre esses, a Sexualidade, o Amor, a Conquista do ente amado, o Adultério, as Tragédias passionais são assuntos obsessivos, existentes em todo o mundo desde a pré-história, matéria de um sem-número de mitos e textos literários. As sociedades humanas, todas elas, têm como fundamento o controle da sexualidade. A própria noção de civilização, tão cara à maioria dos pensadores modernos, surgiu como forma impessoal de disciplinar a manifestação individual da sexualidade, particularmente a feminina. Essa ideia, para mim, é a mais fascinante: a de que há no sexo algo que pode destruir, perverter o ordenamento do mundo. Daí a associação, simbólica ao menos, entre sexo e morte. O tema erótico, para mim, é o que oferece mais possibilidades, é o que ainda abriga as zonas mais sombrias. Talvez porque seja essa uma experiência essencialmente individual; talvez por ser uma experiência que só se torna plena com o concurso de um Outro. Não sei se há coisa que desperte mais curiosidade do que saber como o Outro é, sexualmente; como o Outro faz, na intimidade. É um imenso espaço para a ficção.

Você leu muito Lima Barreto enquanto escrevia *O senhor do lado esquerdo*. O que está lendo em sua imersão para

escrever *A primeira história do mundo*? Já pode adiantar algo sobre esse livro? *A primeira história do mundo* se inspira principalmente na transposição para as Américas do mito das Amazonas e vai se situar no século 16. Será um romance dos navegantes, piratas e degredados que nessa época atravessaram os mares e se aventuraram pelos mistérios interiores do Brasil. Nesse sentido, será também um romance das bandeiras. Tenho lido e estudado os primeiros cronistas da terra, alguma coisa sobre a cartografia antiga do Brasil, ensaios sobre a história das navegações e sobre o século 16 em geral; e mergulhado particularmente nas fontes primárias, cartas e relações desses navegantes, aventureiros e missionários: Hans Staden, Cabeza de Vaca, Vespúcio, Caminha, Léry, Anchieta, Thevet, Montoya, Schmidel, Pero Lopes, *O livro da nau Bretoa*, Gonville, *A nova gazeta do Brasil* — toda essa literatura que é muito esquecida, mas que é fantástica, fascinante, e devia ser ensinada nas escolas. Fiquei especialmente impressionado com a constatação de que muita gente desertava das naus para se meter num mundo completamente desconhecido, no meio de um gentio perigoso e inconstante, com o firme propósito de ficar. Essa é a personagem que eu procuro.

Luís Henrique Pellanda é jornalista e autor do livro *O macaco ornamental*



# PROJETO EDITORIAL

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



## Marcelino diz: “Edith” agora ou cale-se

Diogo Guedes

Já se tornou um clichê dizer que nunca se publicaram tantos livros como hoje em dia. Ainda assim, as grandes editoras, ao mesmo tempo que abarrotam prateleiras com lançamentos, parecem cada vez menos abertas para novos autores – e, muitas vezes, nem aceitam receber originais, por incapacidade de lê-los. Hoje, para esses iniciantes, sempre existe a possibilidade da autopublicação, mas trata-se de uma saída isolada e que, na maioria dos casos, rende poucos frutos. As iniciativas mais interessantes vêm de casas editoriais menores, que podem unir uma estrutura razoável a uma maior atenção aos nomes de seu catálogo.

Nem todas as pequenas editoras, no entanto, têm a sorte de começar como a Edith, com um autor vencedor de um prêmio Jabuti no seu catálogo. Marcelino Freire, com seus dois livros anteriores publicados por uma das maiores casas do Brasil, a Record, fez desse projeto mais do que um simples selo para lançar suas

obras: é um lugar, segundo o escritor, para autores talentosos colocarem a “bunda na janela”. “É uma atitude, uma provocação, é uma brincadeira–negócio, uma proposta de autossuficiência do grupo”, define o principal parceiro de Marcelino na iniciativa, o editor Vanderley Mendonça. “A filosofia é mesmo esta: Edith agora ou se cale para sempre”, define.

Homem de muitos projetos, Marcelino já cultivava o nome e a ideia da editora faz algum tempo. Quando, coordenando oficinas literárias do Centro Cultural b\_arco, em São Paulo, ele conheceu diversos romancistas, contistas e poetas talentosos, notou que era o momento de dar um passo à frente. Chamou Vanderley, responsável pelo selo Demônio Negro, da Editora Annablume, para auxiliá-lo na empreitada. “Sem Vanderley seria impossível. Vanderley é o nosso ‘Gutenberg do Brasil’”, elogia o escritor.

Mais do que um espaço aberto para escritores sem editora, a Edith, segundo os dois, busca se tornar um exemplo, uma possibilidade para os demais autores brasileiros. A casa já conta com uma grande fila de

futuras edições – tanto que precisou cancelar o recebimento de originais para se dedicar apenas às obras dos integrantes do coletivo. Para se ter uma ideia desse ritmo, em julho, a editora esteve presente no Recife com um triplo lançamento de livros: *Amar é crime*, de Marcelino, *A mulher que queria ser Micheline Verunschck*, de Wilson Freire, e *Esses dias pedem silêncio*, de Jorge Antônio Ribeiro. Além deles, o catálogo do selo conta com outras sete obras, duas delas também publicadas em 2011.

Em geral, editoras pequenas investem em livros principalmente a partir do formato físico, muitas vezes buscando ressaltar suas qualidades de edição artesanal – o próprio Vanderley é conhecido por seus trabalhos desse estilo. A Edith, no entanto, tem dado uma grande importância para a venda e para a distribuição eletrônica de suas publicações. O principal exemplo da preocupação com as obras digitais é a forma como *Amar é crime* foi lançado: primeiro em formato e-book e só depois como objeto.

O planejamento para publicação do livro foi feito com Marcelo Barbão, amigo e sócio de Vanderley na

Marco  
Polo

MERCADO  
EDITORIAL

### LANÇAMENTO

Editora Língua Geral publica romances e ensaios portugueses, incluindo livro de prosa de Fernando Pessoa

A Editora Língua Geral, que, apesar de pequena, tem um ótimo catálogo, está dando uma carga na literatura portuguesa a ser publicada no Brasil. São seus próximos lançamentos *Tahrir: Os dias da revolução no Egito*, de Alexandra Lucas Coelho, diário de viagem desta jornalista portuguesa que esteve presente na praça Tahrir durante a “revolução” que aconteceu recentemente no

país; *No corpo, na casa e na cidade*, de Monica Figueiredo, ensaios sobre literatura portuguesa; *No silêncio de deus*, de Patrícia Reis, romance português; *Os pretos de Pousaflores*, romance de estreia da angolana Aida Gomes; *Yaka*, de Pepetela, romance angolano; *O bom inverno*, de João Tordo, romance português; e, ainda, um livro com textos inéditos no Brasil de Fernando Pessoa (foto), no gênero prosa.

DIVULGAÇÃO







Editora Amauta. “Barbão é um visionário das edições eletrônicas. Ele já tinha conhecimento profundo desses formatos desde o ano 2000. Ele ‘afetivamente’ veio fazer parte do coletivo”, conta o editor. A iniciativa tornou *Amar é crime* o primeiro livro de um autor contemporâneo brasileiro a ser lançado em edição virtual antes do formato físico.

Mais do que uma forma de marketing, a escolha reflete a atenção dada à internet pelo grupo. “A grande vantagem para os autores novos é concorrerem de igual para igual com os consagrados e terem seus livros imediatamente distribuídos por gigantes como a Amazon”, argumenta Vanderley. “Todos os livros da Edith já estão hoje na Amazon. Estão no mundo”, vangloria-se Marcelino, para brincar depois: “Não é pouca merda não, é muita”.

Nenhum dos dois parece temer os desafios que a internet pode trazer para o mercado editorial. Para Marcelino, a literatura desconhece limites de formato: seja em papéis luxuosos ou telas de celulares, “Kafka será sempre Kafka”. A tecnologia ainda proporciona outras vantagens para a editora, como a possibilidade de publicação por demanda. “Não precisamos imprimir milhares de livros e estocar. Fazemos conforme vamos recebendo os pedidos. Marcelino mesmo já

é best-seller – a toda hora, mando imprimir umas centenas. Peço o livro em um dia, chega no outro”, aponta Vanderley. Todos os livros podem ser comprados no site da Edith ([www.visiteedith.com](http://www.visiteedith.com)) ou em lojas de e-books, como a Amazon e a Gato Sabido.

As ações do grupo, no entanto, não se limitam nem mesmo à publicação de livros. A Edith agora é a responsável por organizar a Balada Literária, que, desde 2006, reúne conversas, palestras, peças e performances, homenageando um autor por ano, além de buscar se expandir para áreas de atuação como o teatro e as artes plásticas. E mesmo as obras nos planos da editora por vezes fogem aos formatos literários mais tradicionais: eles querem lançar no futuro edições com fotografias – citam Fernanda Grigolin como um potencial nome – e até mesmo histórias em quadrinhos.

Em setembro, saem três novas crias da Edith: o romance *Um estrangeiro na gaiola*, da cineasta Manu Sobral, *Eu, clínico*, de Luís Rafael Monteiro, também responsável pelo site do grupo, e *Copacubana*, do autor “convidado” Hector Bisi. Outra ideia para o futuro é começar o selo ReEdith, com intuito de republicar obras clássicas esgotadas ou esquecidas.

E, dentro de algum tempo, mais escritoras devem pintar no catálogo do grupo de nome tão feminino: a Edith encerrou há alguns meses as inscrições para o concurso *Só escritoras*, visando descobrir autoras. “A Edith é uma mãezona. Uma mulher arretada, uma cangaceira. E ela achou por bem chamar uma mulher, convocar uma escritora para o seu time”, afirma Marcelino. Com quase 100 originais recebidos, eles já admitem publicar mais de uma das concorrentes.

O trabalho dos editores, como se pode ver, é intenso. Atualmente, a Edith está fechada para recebimento de originais, mas está no plano dela abrir para os interessados. “Muita gente tem enviado original, tem perguntado como fazer para ser publicado. Do nada, a pessoa manda proposta para gente, sem entender que o nosso capital é, sobretudo, afetivo. Temos que admirar a pessoa, conhecer o trabalho da pessoa, flertar com ela, entende?”

Dois escritores já foram devidamente “conquistados” pela Edith. O primeiro é Joca Reiners Terron, que lança pelo grupo o seu novo livro, o *Guia de ruas sem saída*, neste semestre. Além dele, Ivana Arruda Leite organiza uma antologia com artistas que completaram 60 anos em 2010, ainda sem data de lançamento definida. Outros estão sendo paquerados, como dispara Marcelino: “Estamos de olho no Artur Rogério, aí do Recife, e no Raimundo de Moraes, também do Recife. Não prometemos nada, mas gostaríamos deles em nosso selo...”.

Em meio à empolgação com a editora, as oficinas que ministra e outros projetos, surge uma pergunta natural para o pernambucano: ele não teme ficar sem tempo para escrever? O autor desconversa. “Rapaz, eu escrevo pouco”, conta. “Na verdade, eu ‘digito’ pouco. Porque escrever eu estou sempre escrevendo, dentro de mim, no juízo. Guardando frases, histórias...”. Apesar da “preguiça” relatada, ele diz que a criação do Edith teve um papel fundamental no seu ânimo para criar novas obras: “Estou superfeliz com o *Amar é crime*. Eu quis trazer este meu novo livro para o coletivo”. “Da mesma forma que os provoqueei, eles me provocaram”, comemora.

LÍNGUA GERAL

A editora também começa a divulgar a literatura infantil

A Língua Geral também entra se setor infantil com os livros *Estranhões e bizarros*, de José Eduardo Agualusa (que terá sua obra completa relançada); *O curupira e a mameluca*, da estreante Tatiana Salem Levy; mais *Machadinha*, de Gonçalo M. Tavares, que inaugura uma nova coleção, a Mamã Lusa, dedicada às lendas portuguesas; além da *Antologia de contos africanos de língua portuguesa*, organizada por Zetho Cunha Gonçalves.

FLIMAR

Festa literária em Marechal Deodoro terá grande presença de pernambucanos e homenageará o poeta alagoano Ledo Ivo

Os escritores cearenses radicados no Recife Sidney Rocha e Ronaldo Correia de Brito vão conversar sobre uma nova estética nordestina; o poeta pernambucano Marcus Accioly falará sobre o modernismo; os escritores pernambucanos Homero Fonseca e Luiz Berto vão debater, respectivamente, o espaço do riso na literatura e da crônica no jornal e na internet; o poeta paraibano

também radicado no Recife Jessier Quirino fará recital; e Alceu Valença fará um dos shows. Esta é a presença pernambucana na 2ª Festa Literária de Marechal Deodoro - Flimar, que acontecerá entre os dias 7 e 11 deste setembro, na cidade que foi a primeira capital de Alagoas. A festa terá também mais nomes nacionais e internacionais e homenageará o poeta alagoano, da Academia Brasileira de Letras, Ledo Ivo.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I**

Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:

**1.**

Contribuição relevante à cultura.

**2.**

Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:

**a)**

A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;

**b)**

A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;

**3.**

O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.

**II**

Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.

**III**

Os textos devem ser entregues em quatro vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.

**IV**

Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.

**V**

Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.

**VI**

Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.
- Companhia Editora de Pernambuco  
Presidência (originais para análise)  
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro  
CEP 50100-140  
Recife – Pernambuco
- 
- Secretaria da Casa Civil
- 
- PERNAMBUCO  
GOVERNO DO ESTADO



CAPA



# Tudo aquilo que vale mais que mil palavras

A bela capa acaba por nortear a relação que leitor mantém com uma obra

**Patrícia Amorim**

Li *O beijo da mulher-aranha*, de Manuel Puig, no início dos anos 1990 e recém-chegada na faculdade, por indicação de um amigo. O livro era emprestado e ainda lembro da capa verde-azulada, com a imagem de uma moça loira ao volante usando um capacete bem justo e o título em letras finas e bastante alongadas. Mais tarde, vim saber que se tratava de um dos autorretratos da pintora Tamara de Lempika e a tipografia, desenhada em estilo *Art déco*.

Para mim, a cela entupida de fantasia e expiação compartilhada por Molina e Valentín e as reveladoras notas de rodapé que se prolongavam por páginas eram indissociáveis àquela capa. Revendo,

no entanto, essa edição publicada pela Rocco em meados dos anos 1980, e já embotada por um certo ranço visual típico dos impressos de outrora, noto que os principais elementos – título, nome do autor e imagem – disputam desajeitadamente o olhar do leitor, que fica sem saber em que se concentrar primeiro. Não há hierarquia entre eles e a paleta tipográfica acaba sendo mal explorada. Um deslize de composição que nem a referência ao estilo dos anos 1930 e à misteriosa figura de Lempika, em alternativa a uma cinematográfica Sônia Braga de sobancelhas aracnídeas, foram capazes de atenuar.

Faço esse preâmbulo pois há duas semanas trouxe para casa um exemplar de *O beijo...*, publicado em



RAUL AGUIAR



2003 pela tradicional editora José Olympio, e ele aqui também não encontra sua melhor tradução visual. O verde permanece na capa, mais ácido, aplicado ao título, cujo desenho dos caracteres são um híbrido malsucedido de uma fonte sem serifa com uma caligráfica. Em complemento, sobre um fundo azul escuríssimo, se apoia uma pobre tarântula ilustrada, bem no centro do layout, entre o literal e o infantilizado, tudo o que esse livro não é.

Como outras três obras do escritor argentino incorporaram esse mesmo projeto gráfico – *A traição de Rita Hayworth*, *The Buenos Aires affair* e *Boquinhos pintadas* –, acabou-se enfileirando nas livrarias mais uma coleção cujas capas desmerecem o que está impresso no miolo. E frente a isso, vejo que tenho apenas duas opções: resignar-me diante da inadvertida tarântula ou torcer para que Puig tenha mais sorte dentro em breve e, com uma edição à altura reluzindo na estante, eu possa despachar o atual exemplar para o sebo mais próximo.

Sem, entretanto, ter a pretensão de ferver esse tema ao ponto das grandes angústias humanas, o mal da capa feia em Puig, e em qualquer outro escritor, não deve ser menosprezado. Ainda que para alguns não passe de mera frivolidade, a bela capa reverencia autor e leitor, o que denota um trabalho de edição no mínimo cuidadoso. Para além dos sortilégios que um layout caprichado possa exercer no campo de batalha que é uma livraria no domingo à tarde, um livro bem representado por sua capa é o mínimo que quem paga por ele deve esperar.

Dentre os mais atentos a esse fato está a legendaria casa britânica Penguin, pioneira na publicação de clássicos a preço acessível, cuja extensa e emblemática produção de capas tornou-se objeto de estudo nos livros *Penguin by design*, de Phil Baines, e *Penguin 75*, de Paul Buckley.

Ano passado, por ocasião do aniversário de 70 anos da morte de F. Scott Fitzgerald, a editora resolveu homenagear o autor americano com uma série que figura como exemplo recente de capas sublimes para projetos de coleções e obras completas. Aqui o estilo *Art déco* também serve de fundamento estético, dessa vez inspirando as exuberantes padronagens que irão revestir as sobrecapas de cada um dos seis títulos reunidos, dentre eles *O Grande Gatsby* e *Suave é a noite*, encadernados em capa dura. A sofisticação do projeto se completa no uso do preto, branco, prata e dourado, combinados sempre dois a dois, e na simplicidade do layout, que reserva duas áreas retangulares, livres de grafismos, para a inserção do nome do autor e do título, em elegante tipo serifado em caixa-alta. Encantador, o conjunto de capas estabelece o tom da leitura logo de início, evocando com extremo bom gosto a glamorosa e festeira era do jazz, tão presente no imaginário do escritor.

Quem assina a concepção gráfica do projeto é a jovem designer inglesa Coralie Bickford-Smith, nem um pouco intimidada com o desafio de criar visualmente para textos consagrados, no qual é preciso agradar tanto às novas gerações de leitores quanto os fãs de longa data. Prova disso são duas outras

notáveis séries que desenhou para a editora, *Penguin classics* e *Great food*, escritos antológicos cujas capas não só cumprem o expediente comercial de modernizar uma Jane Austin ou um Alexandre Dumas, mas que se configuram como peças de referência no âmbito do design editorial contemporâneo.

Em *Penguin classics*, uma poderosa combinação de cores e estampas elaboradas a partir de elementos gráficos inspirados nas histórias – a pena de pavão para *O retrato de Dorian Gray*, por exemplo – ganham textura e intimidade com o leitor através da encadernação em tecido das capas. Já em *Great food*, coletânea de receitas e contos sobre culinária e a vida saboreada na cozinha, cada livro tem a capa ilustrada com a porcelana típica daquele período, reunindo-se aí 20 belos padrões decorativos coroados com um afinado trabalho de tipografia para os títulos. Ambas as séries só fazem contar pontos para alquimia certa baseada na apropriação do designer sobre as nuances do texto, senso estético, apurada pesquisa histórica e iconográfica e investigação dos processos de impressão disponíveis.

Ao observar tais interpretações gráficas, colocamos em foco a função do designer no trato da obra literária, a quem cabe converter em estrutura física e formas visuais a essência do manuscrito. Potencialmente criativa, o cumprimento dessa jornada se dá no embate entre uma linha mais autoral e independente, com maior possibilidade de experimentação e também de risco, e um caminho onde as restrições do departamento de marketing se impõem com mais vigor. Implicando



## CAPA



num *briefing* pouco flexível, sem tanto espaço para a inventividade, embora muitas vezes garantia de ótimas vendas. Que o diga os diversos títulos expostos nas livrarias nos últimos tempos, do célebre romance inglês *O morro dos ventos uivantes*, de Emile Brönte, ao presumível *A garota da capa vermelha*, de Sarah Blakley-Cartwright e David Leslie Johnson, todos envergando capas devidamente “crepuscularizadas”.

Apostando numa composição de poucos elementos sobre fundo preto – uma maçã, uma flor, uma fita que se parte no ar e uma peça de jogo de xadrez – realçados pela cor vermelha, a série *Crepusculo* não merece nenhum prêmio de excelência gráfica, mas contabiliza entre as razões de seu estrondoso sucesso uma identidade visual extremamente reconhecível e de enorme ressonância entre seu público-alvo. Em pouco tempo, tornou-se emblema do gênero fantasia adolescente e agora até mesmo a paixão desencontrada de Catherine e Heathcliff, escrita em 1847, está sendo publicada à luz (vermelha) do amor de Bella e Edward.

Os caminhos para se revitalizar a antologia de um grande autor, entretanto, vão além dos esforços para se adaptar aos cacoetes do último *hype* literário. A obra completa de José Lins do Rêgo, reorganizada e relançada em 2010 também pela José Olympio, casa do escritor desde os anos 1930, resgata a iconografia originalmente publicada, valorizando ilustrações que integram o primeiro time da herança editorial produzida no país.

De partida, a concepção gráfica da coleção ficou a cargo de Victor Burton, um dos mais renomados capistas brasileiros, em parceria com o designer Ângelo Bottino. Na base da composição estão desenhos em preto e branco de autoria do artista múltiplo Tomás Santa Rosa, criados para os livros de Lins do Rêgo quando publicados entre as décadas de 1930 e 1950. Em contraponto às ilustrações, áreas de diferentes cores em cada volume integram

título e nome do autor, compondo o layout com simplicidade e lirismo. Uma merecida deferência à parceria entre os dois intelectuais paraibanos, cuja amizade e colaboração remonta aos tempos de juventude. “O mestre de desenho de capas passou a ser o maior intérprete de meus livros. As vinhetas de Santa resumiam a vida inteira de meus romances”, declarou Lins do Rêgo, em 1956, numa entrevista ao jornal *O Globo*. Com uma importante e diversificada produção no campo do design gráfico e editorial, a qual cada vez mais atrai interesse entre os pesquisadores da área, Santa Rosa desponta entre os poucos que souberam, com brilhantismo, fundir modernidade e brasilidade em suas capas e projetos gráficos.

Vale notar que as origens da capa ilustrada no Brasil dizem respeito às décadas de 1910 e 1920. Curiosamente menos vinculada ao livro de luxo, com papel artesanal e bem encadernado, e mais às edições populares, que através desse recurso ofereciam ao leitor uma compensação pelo acabamento e materiais de baixa qualidade. Até os anos 1930, o mercado editorial no país veria não só a generalização das capas ilustradas, como também as primeiras iniciativas de sofisticação do design das páginas internas dos livros e a implementação de diretrizes conceituais de identidade visual para os projetos de coleções.

No entanto, em paralelo ao estilo das ilustrações narrativas, como as criadas por Santa Rosa, capas com desenhos abstratos podem ser eloquentes na mesma medida. O designer Kiko Farkas não deixa dúvidas acerca disso na série de poesia contemporânea para a Companhia das Letras onde estão reunidos Zulmira Ribeiro Tavares (*Vestúvio*), Antônio Fernando De Franceschi (*Sete suítes*), José Almino (*A estrela fria*), Fabrício Corsaletti (*Esquímó*), Alberto Martins (*Em trânsito*) e Fernando Moreira Salles (*A chave do mar*).

Dono de vários prêmios Jabuti, Kiko também é reconhecido pela magnífica produção de cartazes

que desenvolveu para a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), parte deles compilada no livro *Cartazes musicais*. E como já era de se prever, nas capas para essa coleção de poemas, ritmo e harmonia foram manipulados com precisão pelo designer, extraindo um jogo de sensações a partir de limitada paleta de cores e rabiscos. No papel, traço, letra e matiz se envolvem de tal maneira, que deixa-se a impressão de que a própria capa é um verso.

A bela capa e o projeto gráfico apurado não devem ser vistos, contudo, como exclusividade do texto literário, embalando prosa e poesia, principalmente em suas versões mais sofisticadas. Defensor do livro enquanto obra de arte em plena emergência da produção em massa no período vitoriano, o designer britânico William Morris já afirmava que independente de sua temática e por mais despojado que seja, este pode e deve ser uma manifestação de total refinamento.

“O livro tende a ser um objeto belo, e o fato de hoje produzirmos livros em geral feios revela, receio, certa má intenção – uma determinação de desviarmos o olhar para nossos bolsos sempre que possível”, assim registrou Morris, no ensaio *O livro ideal*, de 1893.

Sei que pode parecer romântico evocar Morris quando a mais ambicionada experiência de leitura hoje em dia é a que se dá através da tela do Kindle e congêneres. Mas enquanto houver alternativa ao virtual, e os livros ainda forem um pouco como a gente, novos ou velhos, leves ou pesados, para consulta ou de cabeceira, companheiros ou esquecidos, inspiradores, empoeirados, que nossa história com eles mereça a melhor capa, a que sabe cortejar o texto e encarar com sensibilidade e inteligência o leitor.

**Patrícia Amorim** é professora de história do design e jornalista.



RAUL AGUIAR



# O ilustrador é o “tradutor” de uma obra

Escritor comenta que gosta de firmar parceria com os capistas do seu trabalho

Ronaldo Correia de Brito

**A imagem para** o disco *Bandeira de São João*, o segundo da *Trilogia das festas brasileiras*, veio de uma matéria na revista *Veja*. Havia sido encontrado nos porões de um ministério em Brasília um painel gigante de Alfredo Volpi, feito sob encomenda para a Companhia de Navegação Costeira. Em péssimo estado de conservação, ele fora dobrado e guardava as marcas dessa insensatez. Quando botei os olhos sobre o quadro, vi que possuía os símbolos para representar as 12 músicas do disco. Abstrato, sugeria a bandeira brasileira com o verde, o azul, o amarelo e o branco, mas com uma risca vermelha e um círculo metade preto, quebrando a ordem e o progresso. Um semilunar amarelo atravessava-o de um canto a outro. Achei perfeito para um disco que exaltava a festa de São João num contexto universal, sem cair em armadilhas popularescas.

Entreguei a proposta à agência de publicidade. Impossível, me falaram. Como vamos fotografar uma obra danificada? Por sorte, alguém da equipe tinha conhecimento de um *Estudo para painel da costeira*, uma tela pequena, igual à que eu desejava. Ela pertencia a um colecionador de São Paulo e agora precisávamos da autorização do pintor e do proprietário da obra. Volpi cedeu, mas o colecionador só aceitava que um único fotógrafo entrasse na sua casa: Rômulo Fialdini. Voltamos ao zero. Felizmente, Zoca Madureira acabou de fazer um livro com o fotógrafo, sobre danças populares brasileiras, em que fui colaborador. Porém Fialdini vivia pelo mundo e nunca parava no Brasil. A produtora me alertou que eu havia estourado os prazos e o disco não ficaria pronto para o mês de junho. Argumentei que não se tratava de música junina e sim do ano todo. Não abri mão da pintura de Volpi. Resumindo: o disco foi lançado no final de outubro.

Sempre acompanho o trabalho dos capistas e ilustradores, mesmo quando assino contratos reconhecendo ser isso função exclusiva da editora. Uma boa capa ajuda a vender. A poetisa Mariana Ianelli confessou-me ter comprado *Livro dos homens* pela capa laranja, com um desenho parecendo um ideograma chinês,

que na verdade é um ferro de gado. *Faca*, ilustrado por Tita do Rêgo Silva, também da Cosac Naify, causa impacto. Mesmo quem desconhece o autor e o conteúdo do livro, compra-o como um objeto de arte.

Jorge Luis Borges achava que um mau título poderia condenar um livro. Vale a mesma observação para as capas? Num tempo em que a imagem muitas vezes prevalece sobre o conteúdo, ou funciona como primeiro atrativo, as editoras investem no trabalho dos capistas, diagramadores e ilustradores, principalmente nas obras voltadas para o público infantil e juvenil. Elas sabem que nas livrarias abarrotadas de títulos, o primeiro olhar do leitor comum, que compra ao acaso, é para a capa mais atraente. O jogo não vale nem para o consumidor de best-sellers – que importância possui a capa de *Ágape*? Nenhuma. É suficiente a estampa do padre Marcelo Rossi –, nem para o leitor esclarecido, aquele que procura um livro específico. Mesmo este, afeito ao conteúdo do que irá ler, não deixa de criticar uma edição ruim.

Mariana Newlands conseguiu sintetizar o conteúdo do romance *Galileia* com a imagem de uma casa em ruínas, os cômodos invadidos por areia. Já em *Retratos imorais* Rodrigo Rodrigues buscou o efeito contrário: a antítese entre a imoralidade sugerida pelo título e a santidade de um homem entrando no mar. Ao lado dele, uma escada suspensa no nada, faltando um degrau. Em *Galileia* o desconforto é causado pelo quase excesso e em *Retratos imorais* pela falta ou minimalismo.

Editoras buscaram parcerias com artistas plásticos, com alguns excelentes resultados. Mas, nem sempre uma boa imagem é garantia. O quadro que causa espanto na parede de uma galeria pode resultar inexpressivo num livro. O olhar do capista enxerga efeitos além da representação chapada de uma pintura ou fotografia. Ele é um tradutor, ou transcriador do texto de um livro, em imagem. Um parceiro que ajuda e engrandece e, algumas vezes, atrapalha.

**Ronaldo Correia de Brito** é autor de *Retratos imorais*



PERFIL

# Que o Exu literário esteja no meio de nós

A poesia *sui generis* de França continua ecoando nas ruas históricas de Olinda

Chico Ludermir



**Já faz quatro anos que ele morreu**, mas os admiradores garantem que a voz de França ainda ecoa nas ladeiras de Olinda. Encenador, ator, capoeirista, o poeta independente e performático se eternizou no imaginário da cidade onde declamava seus textos, vendia seus livros artesanais e promovia recitais.

Apesar de extremamente reconhecido na boemia artística olindense, França não publicou nada institucionalizado em vida. A vasta obra inédita deve sair em forma de antologia poética até o final do ano e promete trazer para o mundo aquilo que, durante anos, foi privilégio de poucos.

Primogênito de uma família grande e humilde do Cabo de Santo Agostinho, Valdemilton Alfredo de França conseguiu a façanha de seguir dois caminhos opostos – o da ascensão social e o da renúncia. Foi o único de sua família que se formou e, desde cedo, já ocupava um cargo público. Depois de ultrapassar algumas barreiras, deixou as certezas que lhe davam um certo conforto – mas pouca satisfação – e decidiu seguir o caminho da arte-educação, da literatura e da poesia.

Em busca de uma vida coerente, na década de 1970, França se muda para Olinda, deixa para trás a família, o serviço público e o nome Milton. A partir de então, tornou-se querido e conhecido pela sua liberdade. Sua voz ganhou força na Cidade Alta e virou instrumento principal de sua arte de transformar poesia em performances.

Em parceria com a artista plástica Silvana Beraldo, começou a produzir cartões e agendas com seus poemas manuscritos, que levava consigo para onde fosse. Também artesanalmente “publicou” dois livros, *A cor da exclusão* (1998) e *Cafuné* (2003), que permitiam experiências para além da leitura com desenhos, colagens e cheiros.

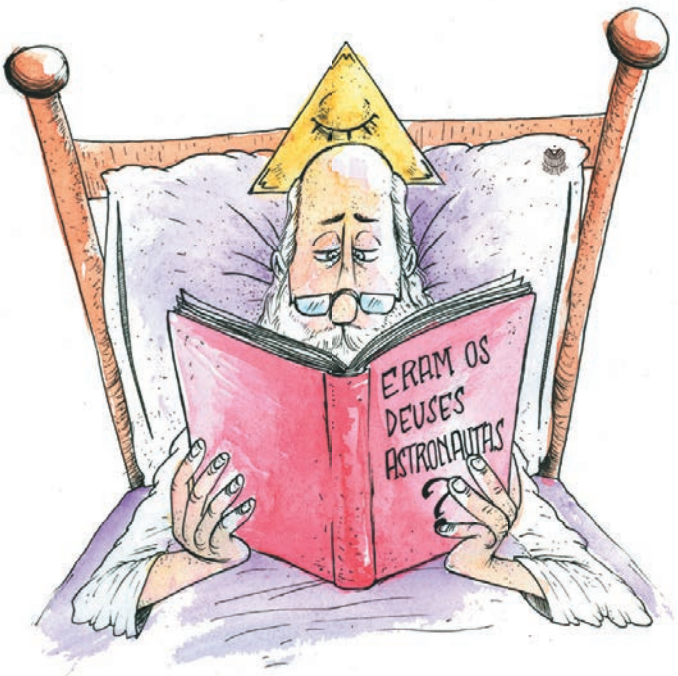
A exemplo dos livros, o artista era uma transposição constante das convenções. Tinha como suporte principal de sua obra o seu próprio corpo. “Só escrever talvez não seja o bastante. Quanto mais o poeta se envolve, ele é tomado de indignação que carrega dentro de si. A gente se torna um intermediário entre os deuses e os homens, entre o poder e os oprimidos”, acreditava.

Pregador da oralidade, França alegava que, primeiramente, a poesia chega através da presença da voz com uma intensidade que a palavra escrita não alcança. Por isso, criou, em 2000, um projeto de recitais poéticos itinerantes, o *Eu, Poeta Errante*, que ele continuou até o ano de sua morte, sete anos depois.

O projeto acontecia, sagradamente, todas as quintas-feiras, cada vez em uma casa diferente de Olinda. Os moradores tornavam-se anfitriões e recebiam, além do poeta, diversos convidados. Num ritual de ode à poesia que era aberto à meia-noite com o toque de tambores, as casas se enfeitavam com tochas, incensos e flores. Depois disso, todos eram convidados a escutar, ver, sentir e participar do recital.

“Ali era um espaço de literatura, mas também de teatro. Porque ele atuava e dirigia aquela cena. Quem não era poeta acabava por ser. Era um acontecimento não só literário. Era de encontro”, afirma Rafaela Valença, pesquisadora da obra.

Como de costume na vida independente de França, a divulgação do *Eu, Poeta Errante* era feita no boca a boca, num fenômeno chamado por ele próprio de “correio nagô”. Livre de intermédios publicitários, todos em Olinda conheciam e sabiam onde seria o próximo encontro. “Os recitais marcaram muito. Em Olinda você vai encontrar muita gente que sente falta das noites de poesia”, garante Mariano Pikman, amigo de França e diretor de um documentário sobre o poeta, ainda em produção.





KARINA FREITAS SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



## Trechos

“Sempre que a beleza/ Se debruça sobre a DOR/ Assume ares de Santa/ Quando sagrada seria/ a dor que ninguém/ evoca”

“Por ser água barrenta/ Não me julgue profundo/ Não mergulhe em mim/ E é bom levar um tempo/ para me engolir/ Pode apenas banhar-se/ É esta a razão/ de ser eu/ á g u a/ tão turva.”

(Confira mais poemas e vídeos com performances de França no site <http://www.suplementopernambuco.com.br/>)

Desde a circulação de forma independente à temática de cunho social e racial, o que marcava a obra de França era o caráter de resistência. Como negro, se fazia representante de sua cor em um exercício de reconexão com a ancestralidade e a luta pela libertação dos oprimidos.

“A gente não pode desconsiderar que vive em um país racista e machista. O verdadeiro poeta não pode negar suas origens nem deixar de acreditar que sua poesia pode, num relance, salvar um povo ou ser porta-voz de uma ideia”, afirmava.

Apesar de lançar mão do imaginário do candomblé e da umbanda, ele não tinha uma religião. O uso desses elementos era mais um ato político, explica Rafaela. “A gente costuma falar que ele era um griô, um contador de histórias. Usando os elementos do

negro, ele ensinava às pessoas que tinham contato com a sua obra”, afirma. Amigos e poetas também chamavam França de Exu literário, em referência ao orixá que abre caminhos. “Muitos poetas se encontraram e se afirmaram nos recitais de França”, completa a pesquisadora.

Acima de tudo pode-se dizer da poesia de França que ela é performática – dentro e fora das páginas. Se, nas ruas, o autor encenava seus poemas ao lado do grupo de teatro que fundou em 2004, o TAO (Teatro dos Amadores de Olinda), nos livros, o que se via não era diferente. A obra inflamada ganhava, nas páginas, formas, cores, cheiros e oralidade. “É a poesia viva”, como definiu Laine Amaral, também fundadora do TAO.

Segundo Rafaela, na vida de França, a poesia exercia ainda um papel de autoconhecimento. “Quando a gente estuda os manuscritos da década de 1970, vemos que escrever era como se fosse um meio de terapia. Ele foi reconhecendo os problemas do povo e trabalhando isso internamente.”

França já havia se tornado uma figura mítica quando ficou doente. No final da vida, em 2006, o poeta lida com a chegada da morte com a mesma naturalidade que levava a vida. “A morte era um dos temas de sua poesia num trinômio vida-morte-vida”, disse Rafaela. “Ele percebia a morte como uma de suas mulheres. A sua última mulher”, explica Mariano.

Por isso mesmo, o ano que poderia ser de sofrimento e apatia se tornou de muita produção. “No seu último ano ele estava muito feliz. Reluzente”, afirmou Laine. Depois de passar quatro meses internado em consequência da leucemia, sua *causa mortis*, França sai com a vontade de editar um livro no padrões oficiais.

Segundo Mariano, ele comentava que seu corpo já não lhe cabia. “A espiritualidade dele era tão grande que seu corpo se tornara pequeno.” Quando morreu, em outubro de 2007, aos 52 anos, a comoção levou centenas de pessoas a recitarem poesias e tocarem berimbaus no seu enterro. E o que ficou foi uma intensa vontade por parte de amigos próximos de fazer circular aquela obra e dar continuidade ao desejo do poeta de publicar um livro formalmente. “Ele mesmo já tinha escolhido várias pessoas para fazerem parte do livro: diagramador, desenhista, editor, tudo já estava devidamente conversado”, afirma Mariano.

Encabeçado por André Telles do Rosário, Rafaela Valença, Mariano Pikman e Laine Amaral, o projeto *Poeminflamado: a Voz Tridimensional do Poeta França* deve ser publicado em mil exemplares patrocinados pelo Funcultura. Apesar de contar com a facilidade de serem próximos do poeta, os pesquisadores tiveram a difícil tarefa de transpor uma poesia oral. “Muita coisa teve que ser transcrita de guardanapos e de vídeos de apresentações”, explica Laine. Para suprir a incompletude das letras, os pesquisadores decidiram publicar, em paralelo, outros dois formatos: um DVD – com falas, recitais e atuações – e um site. “O texto era apenas um suporte. Mas o mais forte era a voz que ia e que vinha e estava solta no ambiente. A palavra”, explica Rafaela.

“Tantas pessoas têm tanta saudade de França que cruzam as esquinas de Olinda e esperam encontrar com ele. A gente ficou um pouco órfão. Publicar é uma forma de eternizar esse patrimônio importante da poesia brasileira, de encontrar com França e de fazer sua poesia ecoar”, afirma Laine.

**Chico Ludermir** é jornalista

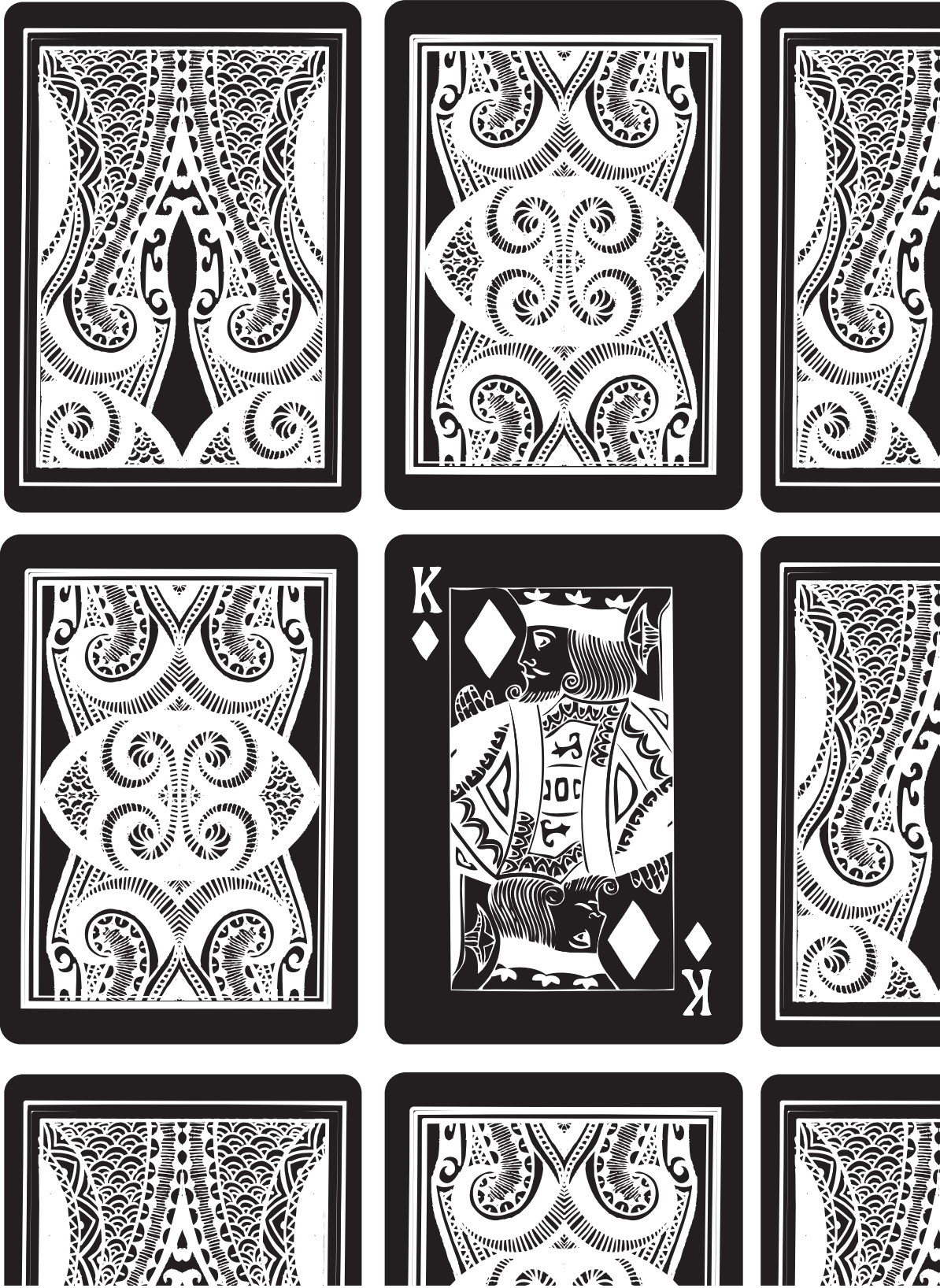


DEPOIMENTO

# Um olho no cravo e outro na fechadura

Organizador de obra sobre o fantástico cearense fala de sua relação com o gênero

Pedro Salgueiro



**O meu fascínio** pela literatura fantástica tem origem, sem dúvida, na tradição oral que corria o Sertão numa época em que eu era menino e que a luz da Light se apagava às 22h em quase todas as pequenas cidades do interior do Nordeste brasileiro.

Aparelhos de televisão eram uma raridade, poucas famílias mais abastadas podiam acompanhar o que se passava no resto do Brasil. A nós, filhos de pobres, só nos restavam algumas brincadeiras que não necessitavam da claridade, mas o que verdadeiramente nos encantava era sentar na calçada, alpendre ou mesmo no meio da rua e abrir uma roda de contação de histórias.

Geralmente um adulto, não raro os mais velhos da vizinhança, iniciava logo uma narrativa de assombração, era a senha para que todos se calassem, apertassem a mão do irmão mais velho e grelassem os olhos na tentativa de enxergar a boca de onde saía os mesmos e velhos causos de cavalos correndo em roçados na madrugada, luzes em oiticas de beira de rio, carnes sendo cortadas em mercados fechados, aparições e perseguições em ruas e veredas de nossa cidadezinha.

Minha mãe vivia brigando com meu pai por conta dos mil mal-assombros que incutia em nossas cabecinhas noite adentro. Iam deixar trauma nos meninos, dizia. Mas eles deixaram em nós foi um gosto pelo mistério que levamos pela vida afora. Já adulto, e em contato com a cultura letrada, era mais do que natural que gostasse de literatura fantástica.

Mas desenvolver esse gosto pelo gênero não foi tão fácil, porque raros eram os autores da dita

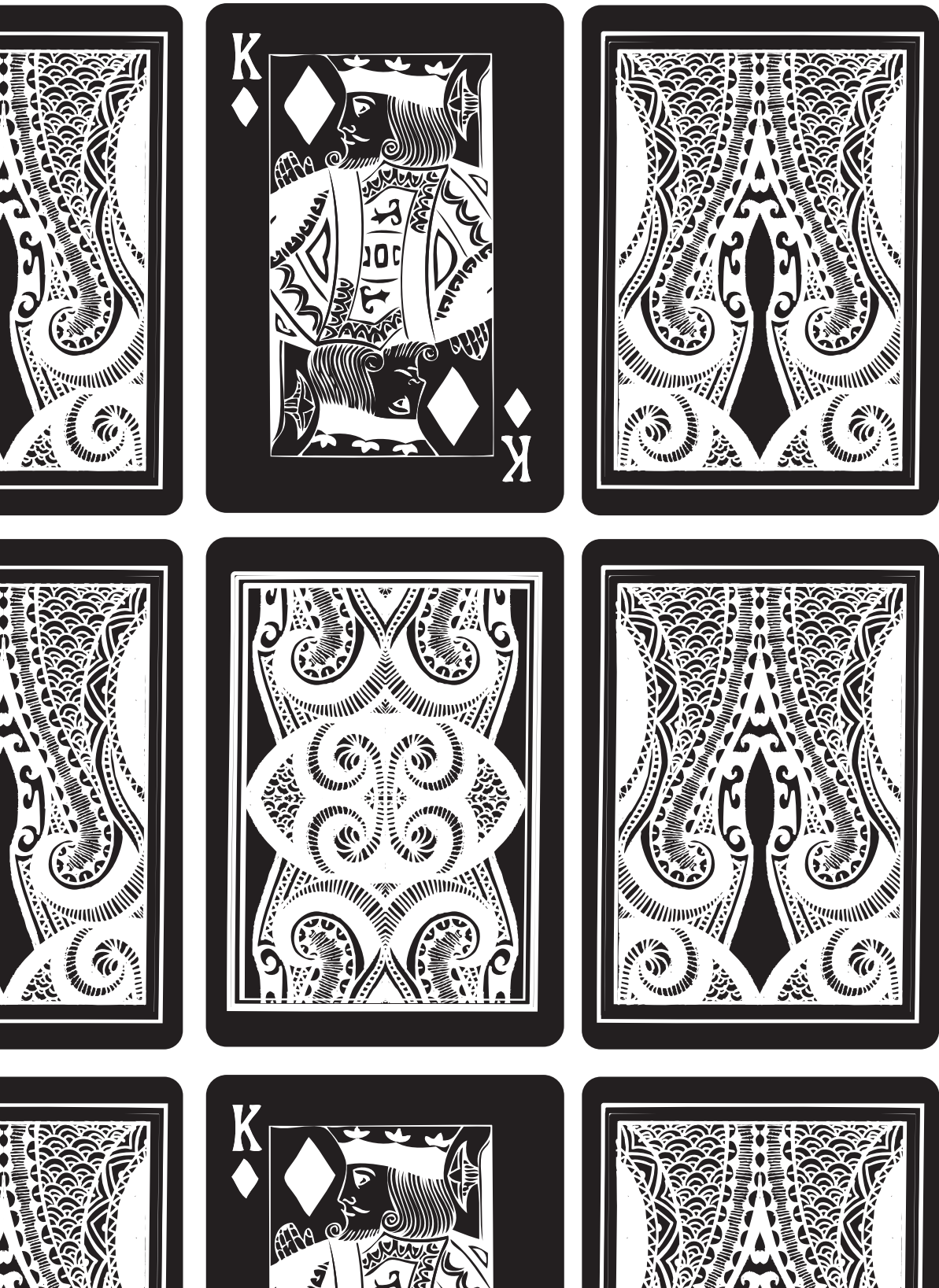
“literatura séria” que o cultuavam. Há uma ou outra história perdida de alguns escritores românticos, pouquíssimas dos ditos realista-naturalistas e menos ainda dos modernistas. Mas com o tempo fui descobrindo narrativas fantásticas até no mais empertigado realista. Uma espécie de gênero minoritário, mas cultuado por quase todos os escritores.

Fui criando gosto de marcar os contos fantásticos encontrados em livros e coletâneas. Daí a vontade de juntá-los, de classificá-los, de estudá-los. Faltava-me um cabedal teórico, que aos poucos fui descobrindo e lendo mais como curioso e menos como estudioso sério. Das classificações sisudas de Todorov (que no centro de sua teoria apontava como definição única a hesitação entre o racional e o irracional, abrindo leque à direita para o estranho explicado e à esquerda para o maravilhoso, principalmente este, que nos levaria ao Realismo Mágico latino-americano) aos mais modernos dos estudiosos, fui percebendo que, assim como a literatura fantástica foi mudando com o passar do tempo, a tentativa de classificá-la, conceituá-la, também foi no rastro, se perdendo nas infinitas veredas deixadas pelo que os escritores iam produzindo.

Um dia, assistindo uma palestra na universidade, um professor discorria sobre as características marcadamente realistas de nossa literatura nordestina, devido ao clima quente da região, às eternas lutas do homem com a terra, os desafios da sobrevivência etc. e tal. Diante de tal quadro, prometi a mim mesmo que juntaria um número



KARINA FREITAS



significativamente de textos fantásticos para contrapor a essa verdade tão aparentemente óbvia do seguro professor. Quase todos os livros que li depois desse episódio foram lidos com um olho no cravo do Diabo e o outro na fechadura do fantástico.

Para se conhecer a literatura fantástica em nosso país há que se ler autor por autor, catando contos e romances (e, treinei Todorov, até poesias) que se enquadrem no gênero, dialoguem e tangenciem com ele. Tarefa difícil, mas que poderia ser facilitada por coletâneas e antologias, que agregassem tais raras pérolas nos mais longínquos rincões desse nosso imenso país. Mas são raras, por que não dizer: raríssimas, as coletâneas, panoramas, antologias específicas do gênero que trazem textos de autores brasileiros.

Há alguns anos o escritor e compositor Bráulio Tavares, um dos raros estudiosos do gênero fantásticos que eu tenho conhecimento, veio a Fortaleza lançar sua ótima *Página de sombras* (digo ótima porque, diferentemente das coletâneas anteriores publicadas no Brasil, traz autores diferentes dos mesmos e já mais que sambados exemplos usados por outros antologistas, ao lado de nomes nunca antes apresentados em antologias e coletâneas, como Carlos Emílio Correa Lima, Berilo Neves, He-loísa Seixas e André Carneiro). Durante palestra no lançamento, Bráulio fez menção de dívida a duas outras coletâneas. Uma delas é *Maravilhas do conto fantástico* (Cultrix, 1958), organizada por Fernando Correia da Silva e com introdução e seleção de José Paulo Paes – que mais tarde também organiza e

traduz *Os buracos da máscara* (São Paulo: Brasiliense, 1985), que inclui dois contos brasileiros, de Murilo Rubião e José J. Veiga. A outra é *O conto fantástico* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959) com seleção, prefácio e notas de Jerônimo Teixeira, trazendo 26 histórias brasileiras dentro do gênero aqui abordado (na breve apresentação, Bráulio supõe ser esta reunião de Monteiro a primeira do Brasil na temática fantástica).

Não pensem que essa limitação bibliográfica se refere apenas ao gênero fantástico. Não, são pobres também as antologias, coletâneas e panoramas referentes a qualquer gênero no Brasil. Qualquer coleção de contos e poemas que entopem as livrarias neste início do século 21 traz lacunas e uma falta de abrangência inacreditáveis. Organizadores sem nenhum conhecimento do que se passa nos vários Estados brasileiros organizam irresponsavelmente os “Melhores Contos”, os “Melhores Poemas” sem critério algum, deixando de fora verdadeiros mestres de nossa literatura, que são penalizados simplesmente por residirem e publicarem em centros distantes da grande mídia (e das grandes editoras) ou mais distantes ainda do universo limitado de conhecimento dos tais organizadores; mestres do porte de um Moreira Campos, Gilvan Lemos, O. G. Rego de Carvalho, Hélio Pólvora, José Chagas, H. Dobal, Francisco Carvalho, Juarez Barroso, José Alcides Pinto, Jamil Sneje e uma enormidade de grandes outros escritores ficam de fora das referidas coletâneas, enquanto outros autores de obras e qualidade infinitamente inferiores estão lá.

#### PANORAMAS E ANTOLOGIAS LOCAIS

Para suprir e tentar evitar que isso aconteça (injustiças e omissões de grandes autores), pensamos em organizar um panorama do conto fantástico no meu Estado do Ceará, de literatura tão vasta e rica, porém quase desconhecida em seus pormenores pelo restante de brasileiros de outras plagas. Dos contos passamos para os capítulos de romances e até poemas, chegando a um inacreditável total de 207 peças: 130 histórias, 60 poemas (ou excertos) e 17 capítulos (ou fragmentos) de romances. Em tal empreitada contei com as valiosas colaborações de Sânzio de Azevedo (maior conhecedor da literatura cearense) e Alves de Aquino (poeta de valor da nova geração que desponta em nossas letras brasileiras).

Tenho corrido estados a lançar o livrão de quase 800 páginas que foi financiado pela Secretaria de Cultura do Ceará, em seu valioso programa de editais de literatura: Julho corremos as principais cidades do Estado, depois fomos para o *Agosto das Letras* de João Pessoa/PB, em setembro vamos lançá-lo na *Bienal Internacional do Livro de Pernambuco*. Até o final do ano tentar correr (ou ao menos caminhar) Brasil afora.

Com esta ideia procurar sensibilizar outros apaixonados, estudiosos ou simples curiosos como eu, a organizarem cada vez mais obras coletivas em seus estados. Assim, quem sabe daqui a algum tempo, os limitados organizadores de antologias nacionais não tenham a desculpa do desconhecimento dos grandes autores de cada pedaço deste país quase continental.

“Com o tempo  
fui descobrindo  
narrativas  
fantásticas até no  
mais empertigado  
escritor de cunho  
realista”

#### ASSOMBRAÇÕES NO PENAMBUCO ANTIGO

Tenho em lugar especial de minha estante as três primeiras edições do extraordinário *Assombrações do Recife Antigo*, do mestre Gilberto Freyre, lembrança de quando morei em Recife no final da década de 1980 do século 20 e percorria quase diariamente os maravilhosos corredores da livraria Livro 7 e saía já de noite pelas ruas escuras do Recife Velho, embriagado pelos poemas de Augusto dos Anjos e assombrado pelos causos (no subtítulo Freyre os chama de “Algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense”) bem catalogados e melhor contados pelo mestre de Apipucos.

Quando Freyre, no seu “Prefácio à 2.ª edição”, diz que “este livro não pretende ser contribuição senão muito modesta para o estudo de um aspecto meio esquecido do passado recifense: aquele em que esse passado se vê tocado pelo sobrenatural. Pelo sobrenatural mais folclórico que erudito, sem exclusão, entretanto, do erudito.” ou ainda quando afirma que “Quando muito, acrescenta uma ou outra novidade, miúda, mas mesmo assim de algum interesse, à literatura ou ao folclore do sobrenatural do Brasil.” Ele Parece querer desafiar futuros estudiosos de outras áreas das artes, do teatro e das artes plásticas e da literatura de Pernambuco (e do cordel, e da música, e da...) a procurarem a presença de aspecto tão importante do imaginário de um povo que é o sobrenatural. Que teimoso e destemido estudioso fará o levantamento de poemas, contos e romances (e músicas, e gravuras, e cordéis, e...) nessa que é uma das mais ricas literaturas do Brasil, a Pernambucana?

**Pedro Salgueiro** é escritor e organizador de *O cravo roxo do diabo - O conto fantástico no Ceará*



# História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



**Assine.**

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

**0800 081 1201**

e-mail [assinaturas@revistacontinente.com.br](mailto:assinaturas@revistacontinente.com.br)



**EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL**  
Paulo Cavalcanti  
(edição em inglês e português)

*Eça de Queiroz - agitador no Brasil*, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

**R\$ 30,00**



**O GIRASSOL**  
Paulo Cavalcanti

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

**R\$ 40,00**



**ESTÃO TODOS DORMINDO**  
Edson Nery da Fonseca

*Estão todos dormindo* é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

**R\$ 30,00**



**DE RUAS E INTI-NERÁRIOS**  
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultiva grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como aquele da época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência já se perderam.

**R\$ 40,00**



**NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS**  
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista, pessoas pobres e criminosos recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

**R\$ 30,00**



**UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO**  
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negreiro.

**R\$ 30,00**



**ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX**  
Luzilá Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores fundamentais à formação da memória cultural de Pernambuco, dos mais conhecidos, como Frei Caneca, a outros quase ignorados, como Antonio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem a vultos heroicos.

**R\$ 30,00 (cada)**



**JARDINS DO RECIFE**  
Aline de Figueirôa Silva

A arquiteta Aline de Figueirôa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista paisagístico, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

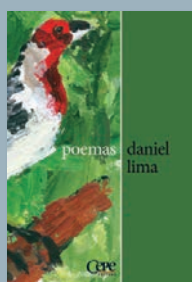
**R\$ 35,00**



**A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO**  
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1996, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escrita no formato de sextinas.

**R\$ 35,00**



**POEMAS**  
Padre Daniel

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, seus amigos venceram sua resistência em publicar o seu trabalho e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

**R\$ 45,00**



**AMARO QUINTAS**  
Fátima Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de O Historiador da Liberdade.

**R\$ 36,00**

**CePE**  
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)



# INÉDITOS

## Wilson Freire

### SOBRE O AUTOR

**Wilson Freire**  
é autor do romance *A mulher que queria ser Micheline Verunschik*

Nome: Roupa que nos dão. Vestimos ou rasgamos. (In: *A Mulher que queria ser Micheline Verunschik*)

Quando minha irmã nascEU, minha mãe pegou o nome dela e dEU à minha irmã. Minha mãe registrou e batizou a minha irmã com aquele nome.

O nome da minha irmã foi minha mãe quem escolhEU. MEU pai, não. Naqueles dias mEU pai adoecEU. Era mEU pai quem dava os nomes. Mas, daquela vez, mEU pai não dEU.

Com pouco tempo depois, minha mãe pegou barriga de novo, com mEU pai e, aquela barriga da minha mãe com mEU pai, era EU. EU nasci e a família crescEU: mEU pai, minha mãe, minha irmã e EU.

Mas mEU pai continuou muito doente. E, ali, onde a gente morava, era muito longe do mundo. Minha mãe fez de um tudo para mEU pai ficar bom. De um tudo, ao mEU pai, minha mãe dEU. Mas não teve jeito: mEU pai piorou, piorou e, um dia, de noite, mEU pai morrEU.

Minha mãe chorou muito, enterrou mEU pai e a família encolhEU: minha mãe, minha irmã e EU.

Com pouco tempo depois que mEU pai morrEU, minha irmã adoecEU. Minha mãe fez de um tudo para minha irmã ficar boa. De um tudo, à minha irmã, minha mãe dEU. Minha irmã continuou muito doente. E, ali, onde a gente morava, era muito longe do mundo. E, aí, não teve jeito: minha irmã minguou, minguou e, um dia, à tarde, a minha irmã também morrEU.

Minha mãe enterrou a minha irmã e a família encolhEU mais ainda: Minha mãe e EU. Minha mãe, de tristeza, quase desaparecEU.

Muito tempo depois EU cresci mais, botei corpo de mulher, os cabelos pintaram de branco e minha mãe envelhecEU.

E, com o tempo, minha mãe adoecEU. EU fiz de um tudo para minha mãe aguentar mais tempo. De um tudo, à minha mãe, EU dei. Mas, ali, onde a gente morava, era muito longe do mundo. E, aí, não teve jeito: minha mãe foi perdendo as forças, foi perdendo a cor, foi perdendo viço e, um dia, de madrugada, a minha mãe também morrEU.

EU, quase morta, enterrei a minha mãe e, da família, só sobrou EU.

Mas quando minha mãe caiu doente, EU acho que minha mãe percebEU: me chamou no quarto. Minha mãe estava deitada com um lençol branco, cobrindo do pescoço até os pés.

– Sente-se aqui junto de mim, do meu lado direito.

Minha mãe desembulhou um pacote.

– Quem é essa menina desse retrato?

– EU, minha mãe.

– É não. Era sua irmã. E essa, desse aqui?

– Minha irmã, minha mãe.

– É não. Era você. Essa é você, e essa era sua irmã, as duas com a mesma idade. Quando sua irmã morrEU, você ficou usando roupas, sapatos, cordãozinho de ouro, presilhas, brincos, tudo da sua irmã. Cara de uma, focinho da outra. Como aqui era muito longe do mundo, ninguém nem dEU por falta da sua irmã que morrEU e nem notou que você nascEU.

Para que procurar padrinhos de novo? Para que batizar você de novo? Para que registrar você de novo? Para que tudo de novo, se tudo da sua irmã ainda estava novo? Se você, sem tirar nem por era a cópia fiel da sua irmã? O registro da sua irmã passou a ser o sEU. O nome da sua irmã, como a roupa, os sapatos, como tudo, caiu como umas luvas de algodão que EU tricotei para sua irmã e que também ficaram para você. Não tinha diferença nenhuma, uma da outra. O nome da sua irmã em você foi um unguento na minha dor de perder uma filha. Fez com que eu ficasse de novo com sua irmã e você. As duas. Juntinhas, em uma só pessoa: você. O nome ressuscitou, trouxe paz, conforto.

– Minha mãe, por que a senhora escondEU

essa história por tanto tempo? E agora, EU? Acho que a senhora, minha mãe, me enlouquecEU.

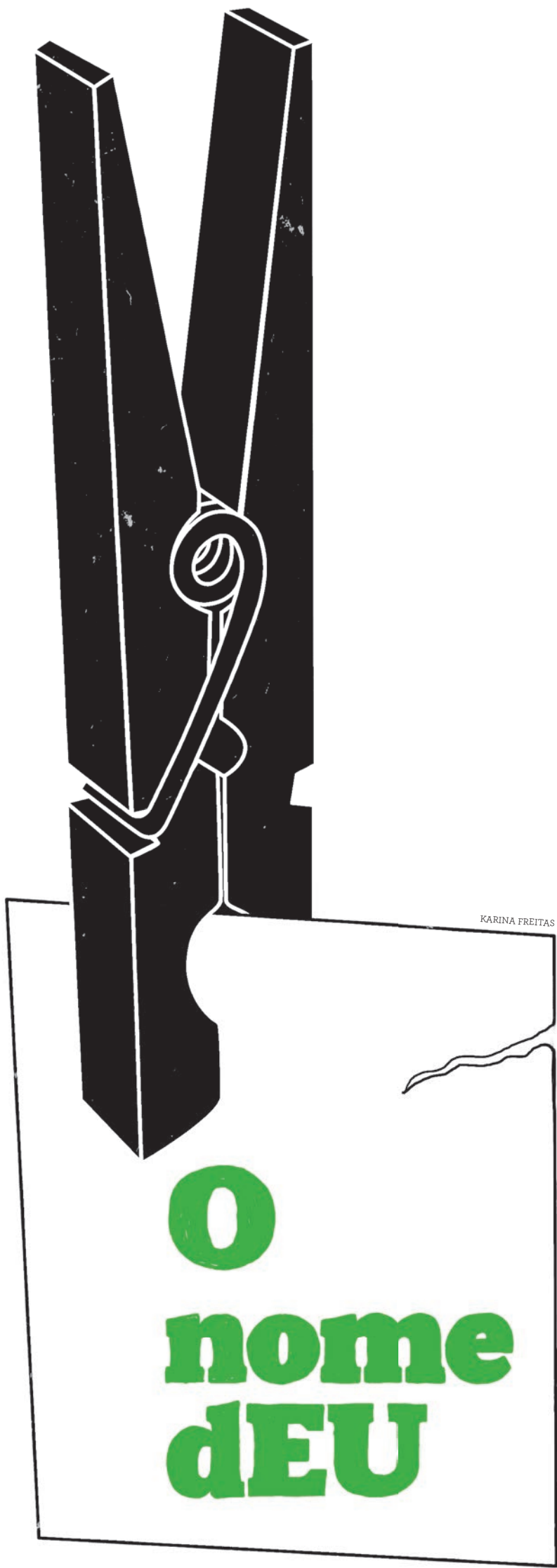
Minha mãe pegou o pacote e me dEU. Sem nem mais pestanejar.

– Pronto. O nome vai ficar só com você. Se quiser permaneça com esse nome e com sua irmã, juntas. Se não, fique com o nome só pra você ou, ainda, troque esse nome por outro nome, se esse nome lhe apertar, fizer calor, calo, der coceira. Agora feche a porta.

MEU pai morto, minha irmã morta, minha mãe morta, um arquivo morto nas mãos e, EU, de miolo mole, não sabia mais

se EU era minha irmã ou se minha irmã era EU. Isso demorou muito até EU separar minha irmã dEU e voltar a me sentir, de novo, EU.

Um dia um homem aparecEU. Pedeu para ficar morando mais EU. EU aceitei e, em troca, esse homem fez logo uma filha nEU. Esse homem era um caixeiro viajante e desaparecEU. Minha filha nascEU. E era a cara da minha minha irmã, que era que nem EU. Passou um tempo e a minha filha crescEU. Um dia ela adoecEU. Como ali era muito longe do mundo, EU nem esperei. EU peguei mEU registro com o nome que foi da minha mãe, da minha irmã e é mEU, e disse à minha filha: tome, filha, agora esse nome é sEU.





# INÉDITOS

Fernando Monteiro

## SOBRE O AUTOR

Fernando Monteiro é autor de *Aspades, ets, etc.* e a *A cabeça no fundo do entulho* (ambos pela Editora Record)

REPRODUÇÃO



# Recorda as lobas dos jardins de ontem:

a **Fanciulla**, a “Arminda brasileira” – sem o H de Hébria, a lupona – rezo por todas, penso na chuva tornando mais fina a agulha das horas passando para elas, as lobas das Termas. Não se pense em imagens polaroid de gordas anitonas populares, sob fontanas de Fellini. Não é tão óbvio quando vem a lembrança de mais longe e de mais perto, se me entendem. Ou do passado pagão das virgens descalças a descansar sobre a erva e das moças tão diferentes daquelas lobas nervosas (com razão: numa noite “micha” entre as antigas portas de fora, qual foi a que voltou com marcas de mordidas e sem a bolsa? Lembro, agora: foi a Fanciulla, judiada pelos comissários de plantão, ao tentar prestar queixa na polícia; ao sair da chefatura, ela atirou os sapatos nos carabinieri, voltou descalça para casa e nunca mais foi vista nas proximidades das Termas).

Faz tanto tempo, que eu confundo os jardins cantantes, onde não havia nenhuma música, mas a água arrulhava (nada de celestial, vindo das alturas, apenas água para lavar o sexo e as mãos) como os pássaros de cântico de alabastro do poema que escrevi para Giovanna, a etrusca:

Efígies-fúnebres

Reclinados homens  
e mulheres mudas:  
aos pares da tumba.

Nobres-vultos

Um cotovelo descansando  
o tronco meio erguido:  
elegantes na campa.

Ausentes-duplos





Sós como um sorriso  
permanece na sombra:  
numa dobra de púrpura.

Duros-etruscos

Lembrados sem saudade  
de esquecidos júbilos:  
aves de alabastrino.

Sombrios

de dúbio, vos saudamos,

Úmbrios.

Giovanna retinha um instante da fuga: o vestido leve da mãe, molhado do repuxo, as pernas ainda de moça, o opaco joelho parecendo de mármore entre os limões maduros.

O amor nas estradas, a nebulosa cor da blusa ganha nas cinzas de Cassino, pela longa linhagem começada por um estupro.

Talvez fossem lembranças ao mesmo tempo confusas e comuns, mas, o que importa? Eu sabia da diferença dos anos, dos carros diferentes e das cores outras, mudadas em tudo: onde havia a cor das fardas americanas – na guerra que desonrou tantas boas famílias de Roma – agora se espalhava gente de toda parte, procurando o mesmo alívio do sexo nos

banhos em ruínas de Caracalla, nos velhos motéis “imperiais” de gerânios que estavam transformados em aquários azulados com minipiscinas sujas no fundo da cultura de herpes. Na época da mãe de Giovanna, os automóveis todos eram da América (com a estátua de sovaco ardido de fuligem), a poesia era boa e os banhos não eram interditos para se trepar como no templo de Juno – que era ainda honrada (e até mais do que os santos católicos que hoje não são honrados de maneira nenhuma).

Penso na imagens dormindo nas criptas de Volterra. A cidade era dura como a Pompeia vulcânica, de vinhedos adubados pelos depósitos de lava, desde tempos imemoriais. Volterra não estava perdoada nem havia virado atração vulgar do turismo. Para obter melhores grãos, maiores uvas e barrigas-de-menino, as mulheres que preferiam parir homens prestavam honras aos velhos cultos femininos. A mesma coisa encontrada na noite de Herculano, debaixo da Prefeitura, o caminho dos ex-votos partidos entre as armas guardadas longe da polícia fascista (entre 1943 e 1944).

Perto da Libertação – contava a mãe de Giovanna – os padres partigiani haviam se refugiado nos lupanares revistados pelos “camisas negras” de bundas brancas de medo dos boches de cacetes vermelhos de “cachorros engatados no escuro”.

Moedas entre os dormentes, estrangeiros comprando meninas (foi o caso de Giovanna, vendida em Satura). Gêmeas valiam mais, a trepada a três dava uma ilusão de espelho, no fundo mais fundo da cidade de linfas obscuras, correndo ainda nos velhos aquedutos do sangue. Só depois houve o assédio das novas prostitutas nas lambretas vermelhas, debaixo da lua rolando como uma grande moeda acima dos muros (isso que agora filtra uma sombra saída de trás do armário da juventude). Arminda, sem H? A “Lupona”? Fanciulla?

Giovanna...

Na confusão borrada, a memória dilata lembranças de 35 anos da água rolando até a fonte que parece mais quente à distância, sobre corpos cujos perfumes se suavizaram com o tempo que sempre torna mais delicados os rostos projetados na parede cheia de manchas. Uma delas é a da mulher que enxuga o pé numa toalha – na mesma posição da ninfa dos mármore clássicos (uma “loba” da antiguidade?) – na madrugada de cegueira parcial numa noite de neblina, na fumaça dos cigarros, tudo brilhando como a pele de puma do dia que demorava a nascer e, então, vinha brilhando como, em Volterra, às vezes brilhavam luzes nos túmulos. Não eram fantasmas: eram os pobres, sempre longe de tudo.

Também eu estou longe.

A campa de Giovanna – ela foi chutada demais, nas costas, em 1975 –, sua lápide borrada dez anos depois, entre as campas mais novas, permanecerá riscada do que eu risquei?

Foi em 1985. Ao entrar no cemitério da periferia, fixei o absurdo de um absorvente usado, abandonado sobre o musgo (e pensei no templo mais antigo de Volterra, aquele com as marcas de pés pequenos, melados com o sangue fresco da primeira menstruação das virgens). É indelicado, ainda, olhar para os “carimbos” da parte oculta do templo, e achei melhor, dois mil anos depois, deixar aquilo ali, tentar rezar sem olhar para um modess. E escrevi na lápide os versos de Quasimodo, com o lápis de cera que sujou o bolso esquerdo, o do punho cerrado:

I tuoi capelli

sulle orecchie in tempesta

che non si svegliano ora, capelli

a'acquarello, di colore perduto.



# RESENHAS



## Lygia: leitor, decifre-a se você for mesmo capaz

Nova seleta de textos enfatiza o caráter de mistério que marca obra da grande autora paulista

Talles Colatino

**Um leitor de** Lygia Fagundes Telles aprende cedo a importância de vivenciar as sombras que sua narrativa forma: é ali que se manifesta a essência das suas personagens. Principalmente nos textos que contam com a intervenção do sobrenatural, como os seis contos que formam a coletânea *Histórias de mistério*, presenteada com uma bela reedição pela Companhia das Letras. Lygia Fagundes Telles nos faz questionar a procedência daqueles fatos na mesma medida que envolve o leitor numa rede costurada por um enredo elegante e envolvente. Sem nos darmos conta, estamos presos a ela e só atinamos para a armadilha quando a credibilidade do verossímil é quebrada. Afinal, a metamorfose que transforma um casal em um passarinho e uma borboleta em *Lua crescente em Amsterdã* é fruto dos efeitos alucinógenos dos seus suspeitos cigarros ou não?

O medo gerado pelo desconhecido, por ações que não são explicadas pelas leis naturais do universo, atravessa a curta estadia de duas primas numa pensão onde formigas, no seu tão ordinário quanto assombroso esquema operário, remontam o esqueleto de um anão, em *As formigas*. O sombrio também está entre o absurdo e o delírio que envolvem o protagonista de *A caçada*, morto pela estranha obsessão que nutre por uma antiga peça de tapeçaria estampada com a imagem de uma caçada. Com *O jardim selvagem* temos sob olhar de uma criança a dúvida, palavra essencial para cada conto de *Histórias de mistério*, sobre a morte do tio. Teria ele cometido suicídio, como todos acreditam, ou sido vítima de sua recente esposa como uma figura contraditória e suspeita nos detalhes captados pela visão da menina? Para além do final trágico de *A caçada* e *O*

*jardim selvagem*, o tema da morte também é presente em *História de mistério* através de caminhos que emulam a delicadeza do olhar de Lygia junto com a forte carga emocional que suas histórias alimentadas pelo terreno do surreal ou do fantástico carregam. É caso de *Natal na barca*, no qual a narradora, ao entrar em contato com a miserável história de uma mulher que atravessa o rio numa barca com o filho doente no colo, vai construindo a crença de que a criança está morta. Quando, no final, descobre-se que a criança está viva, assim como aquele rio estará quente e cristalino na manhã seguinte. Uma misteriosa fábula de esperança. Já em *Onde estivestes de noite?*, Lygia Fagundes Telles presta uma homenagem à amiga Clarice Lispector nesse depoimento que entrelaça fatos (ou ficções?) que envolveram Lygia, aqui narradora e personagem, no dia da morte de Clarice.

Síntese perfeita das três vertentes primordiais da obra de Lygia – invenção, memória e mistério – reunidas aqui para endossar o quão particular e rico é o projeto literário da senhora que um dia já assumiu recorrer ao mistério para tornar a vida, esse duro suporte da existência e da literatura, suportável.

Talles Colatino é jornalista.



### CONTOS

*Histórias de mistério*  
Autora – Lygia Fagundes Telles  
Editora – Companhia das Letras  
Preço – R\$ 24,50  
Páginas – 64

Mariza  
Pontes

NOTAS  
DE RODAPÉ

### BIENAL

## Mais de 500 mil pessoas são esperadas no evento que terá parque temático infantil

A cada ano as festas literárias se tornam maiores, mais atraentes e mais lucrativas. A *Bienal Internacional do Livro de Pernambuco*, que homenageia Mauro Mota e Ronaldo Correia de Brito, de 23 de setembro a 12 de outubro, no Centro de Convenções, espera um público superior a 500 mil pessoas e a realização de negócios em torno de R\$ 12 milhões. A proximidade com o Dia das Crianças motivou a

instalação da Cidade do Livro (FOTO), projeto itinerante apoiado pela Bic, com atrações que estimulam a leitura: em cerca de 300 m2 será montado um espaço cenográfico para os pimpolhos manusearem livros, encenar histórias, participar de teatro de bonecos, aprender a confeccionar um livro e receber informações sobre saúde, alimentação, meio ambiente, ética e outros temas.

DIVULGAÇÃO





DIVULGAÇÃO



## Uma estreia consagrada

A obra de Lourenço Mutarelli é marcada pelo registro e evidência da degradação da realidade. Seus personagens típicos são homens comuns, sujeitos à desumanização, que se deparam com um mundo que progressivamente se torna estranho. De onde vem esse odor insuportável que o narrador de *O cheiro do ralo* sente? Por quê ele nunca passa? O enigma, policial como os livros que o protagonista lê, é kafkiano, surreal, rápido. A estreia literária de Mutarelli já traz uma das principais características do elogiadíssimo *A arte de produzir efeito sem causa*, que é mostrar o estado mental de um personagem a partir da narrativa em fluxo de consciência, que se torna mais confusa e rápida com o caminhar da história. Enquanto mergulhamos nas frases curtas desse dono de uma loja de

quinquilharias, um homem que “se parece com aquele cara do comercial do Bombril”, o que parecia vir antes de um problema nos encanamentos agora pode vir do próprio protagonista – e parece que nunca vamos ter certeza de nada, porque só lemos suas palavras. **(Diogo Guedes)**



| ROMANCE                        |
|--------------------------------|
| <i>O cheiro do ralo</i>        |
| Autor – Lourenço Mutarelli     |
| Editora – Companhia das Letras |
| Preço – R\$ 36                 |
| Páginas – 184                  |

DIVULGAÇÃO



## Engajamento poético

O moçambicano Mia Couto parece ter como missão encontrar poesia no engajamento. É o caso do seu romance mais famoso, *Terra sonâmbula*, que recria de forma onírica a destruição que o seu país viveu durante os difíceis anos da Guerra Civil. Ao reconstruir a língua (e suas próprias memórias nesse processo), ele se tornou o dono de uma literatura singular, intransferível. Seu caráter engajado (e poético) fica ainda mais claro na coleção de ensaios *E se Obama fosse africano*. Quem está acostumado à sua ficção, não vai se decepcionar: os mesmos traços característicos da sua escrita aparecem aqui, intactos. O leque de assuntos é vastíssimos: ele comenta sua impressão sobre mestres como Jorge Amado e Guimarães Rosa até os entres do desenvolvimento dos

povos africanos. Mas esqueça os temas, lemos Mia Couto atrás de passagens como esta: “Não existe geografia que nos seja exterior. Os lugares – por mais que nos sejam desconhecidos – já nos chegam vestidos com as nossas projeções imaginárias”. **(Schneider Carpeggiani)**



| ARTIGOS                           |
|-----------------------------------|
| <i>E se Obama fosse africano?</i> |
| Autor – Mia Couto                 |
| Editora – Companhia das Letras    |
| Preço – R\$35                     |
| Páginas – 208                     |

## PRATELEIRA

### GERAÇÃO ZERO ZERO: FRICÇÕES EM REDE

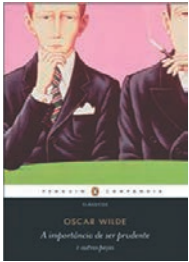
Antologia de contos que reúne 21 autores com as seguintes características: começaram a publicar a partir de 2000, independente de faixa etária; são usuários da web (entre eles um único pernambucano, Walther Moreira Santos); e utilizam temas bizarros, sendo este o ponto em comum entre eles. Todos os contos são inéditos, foram escritos especialmente para o livro, que constitui um mapeamento competente das publicações em prosa e ficção dos últimos tempos, embora deixe de fora muita gente boa.



|                                 |
|---------------------------------|
| Organizador::Nelson de Oliveira |
| Editora: Língua Geral           |
| Páginas: 408                    |
| Preço: R\$ 45                   |

### A IMPORTÂNCIA DE SER PRUDENTE E OUTRAS PEÇAS

Embora *O retrato de Dorian Gray* seja seu livro mais conhecido, foi como dramaturgo que Oscar Wilde conquistou fama, principalmente com as comédias de costumes reunidas neste volume: *Uma mulher sem importância*, *Um marido ideal* e *A importância de ser prudente*, em que satiriza a hipocrisia e o conservadorismo da sociedade de sua época. A edição situa o leitor sobre as inovações introduzidas por Wilde, que influenciaram a dramaturgia moderna.



|                                       |
|---------------------------------------|
| Autora: Oscar Wilde                   |
| Editora: Penguin-Companhia das Letras |
| Páginas: 424                          |
| Preço: R\$ 28,50                      |

### HISTÓRIAS QUE A CECÍLIA CONTAVA

A formação da cultura brasileira deve muito à habilidade de descendentes de escravos, herdeiros da fantástica tradição oral africana, que recriavam em linguagem popular o mundo dos contos de fadas europeus, os quais memorizavam e adaptavam, introduzindo o vocabulário e outros elementos do seu cotidiano. As histórias de Maria Cecília de Jesus e Maria das Dores Alves, que encantavam as crianças de uma fazenda mineira do século 19, são reproduzidas no livro pelos irmãos Carvalho



|                                                                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------|
| Organizadores: José Murilo de Carvalho, Maria Selma de Carvalho e Ana Emília de Carvalho |
| Editora: UFMG                                                                            |
| Páginas: 201                                                                             |
| Preço: R\$ 49                                                                            |

### O PROPÓSITO DO SÉCULO XXI

Especialista em computação, o indicado ao Prêmio Pulitzer 2010 defende a necessidade de mudanças na condução política, social e administrativa dos recursos naturais e sustentáveis do planeta a fim de assegurar a perpetuação das espécies. Ele aponta que as soluções passam pela discussão de questões dramáticas, como o uso de avançadas tecnologias direcionadas para a destruição das



nações, e a existência de grupos financeiros interessados na manutenção da corrupção e da burocracia.

|                     |
|---------------------|
| Autor: James Martin |
| Editora: Cultrix    |
| Páginas: 416        |
| Preço: R\$ 59,50    |

### MEMÓRIA SOCIAL

#### Histórias valorizam a memória coletiva

Uma grande sacada da *Bienal* foi estimular o público a escrever histórias marcantes de sua vida, para serem reescritas por escritores pernambucanos, no gênero conto ou crônica. As histórias serão divulgadas nas redes sociais. A ideia é preservar a memória coletiva, resgatar modos de vida tipicamente pernambucanos, valorizar nossa cultura e aproximar o público dos escritores.

### SUSTENTABILIDADE

#### Público terá programação de eventos ecoeducativos

Atividades ecoeducativas serão desenvolvidas na *Bienal*, como palestras e oficinas sobre reciclagem de papel, educação ambiental, economia solidária e compostagem. Os expositores vão receber um Manual, com recomendações sobre uso de materiais, coleta seletiva, distribuição de brindes etc. No final, os estandes que derem o exemplo de cidadania ambiental, serão premiados.

### ESPAÇO PEDAGÓGICO

#### Cantoria e contação de histórias são atrações

Deverá ser bastante concorrido o Espaço Pedagógico da *Bienal*, onde ocorrerá contação de histórias e outras atividades e atrações: Adriano Cabral com performance cênica, uma dupla de repentistas de Tuparetama, o Teatro Lobatinho com o *Bumba Meu Boi Capitão Lobatinho*, e as escritoras Lúcia Costa, Socorro Miranda e Lenice Gomes, entre outras, vão fazer leituras de contos.



CRÔNICA  
Rafael Dias

KARINA FREITAS



# Belgrado disse que eu voltaria

**Belgrado falou** comigo três vezes. A primeira, meu Deus, foi um choque. Um susto tamanho que nem lembro. Ah, não... lembro que ele me cortou os olhos como uma baioneta. Dizem que sérvios são assassinos, pensava em Milošević, nos aviões de guerra estacionados no aeroporto Nikola Tesla, juro que vi francoatiradores, vultos escondidos atrás da fuselagem, sai, sai, olha eles, mas a criança bósnia sucumbira com um único tiro na cabeça, o corpo sereno sobre o asfalto. Eu me tremia por dentro, suave, remexi o casaco, calor terrível que fazia aquele ônibus, carteira ao chão, dinar, euro, meu rosto de medo escancarado a duas senhoras sentadas do lado direito. Queria sair dali, meu Deus, por que Belgrado, por quê?, bem feito, quem mandou, eis que ergo a cabeça sobre o Danúbio pela ponte Branko. Nossa...que azul-indescritível. Desça, o cobrador acena, é aqui o terminal, balançando as mãos para fora. Desnorteado com o ar quente, atravesso o vucu-vuco da Zeleni Venac, tateando a cidade branca no escuro, please *I'm looking for Kralja Petra Street, it's over there, sir*, desço, erro, subo, acho, enfim, o interfone do *hostel*. Mas antes transpor a porta de ferro pesada quer reencontrar a criança. Ela, não, por favor, estava ali, estatelada a meia-escada, horripilantemente doce. Disse algo solene,

provavelmente “boa tarde”, em servo-croata, não sei. Também não sei se eram meus olhos de vrana, um “bem-te-vi” soturno que me espreitava no ponto de ônibus do aeroporto, vasculhando minha carcaça, horas antes; a questão é que o garoto sérvio correu, batendo suas asas contra minha tolice. Afiado e desfeito em sua concha pura, foi o primeiro a me desferir picadas e sentidos contra o peito. Não, ele não era o corvo, apesar de o prédio ser um ex-QG de alemães nazistas. A ave de rapina, reclusa e de cara toda ferrada, éramos eu e a minha sombra pesada que insisto em carregar de Henri Clouzots, Sokurovs e Malles. Vrana não é corvo – Mladen, meu fixer sérvio, me corrige, em sua voz pausada, grave, mas leve, meu Deus, como pode? – você precisa parar, é como se ele dissesse de canto de boca. Não dei ouvidos, ou estive muito ocupado para me suspender. Já era tarde, ou sol morto, quer dizer, era manhã e cheguei tarde. Era dia seguinte e estava atrasado 20 anos para a guerra, missão de pinçar, limpar e salvar lembranças – caco, guerra perdida, ou seria atrasado para me salvar? Tinha uma Iugoslávia inteira falecida à minha espera, sentada no consultório. Precisava correr, entrevistar, fotografar, correr, mas por que correr, bobo, se estamos todos presos aqui? Temos

os pés fincados neste chão, eu e os prédios do Exército sérvio, os dois prontos para serem reatingidos por mísseis teleguiados da Otan, daqueles que explodem tudo por dentro e salvaguardam o arca-bouço como lembrança-fardo. Mladen me guiava pela Avenida Kneza Miloša e pedi para respirar, quem sabe telefonar para minha mãe aliviasse um pouco. Pego o cartão da Telekom Srbija, queria dizer que te amo, que sinto saudade, que sinto o sufoco das sirenes de batedores que soaram por dez segundos, abafando meu choro calado e abrindo passagem para o presidente a bordo do carro oficial. Não queria saber se Boris Tadić era social-democrata, comunista, pró-contra-indiferente-Tito, se a União Europeia irá anexar a Sérvia, se Kosovo é de direito dos católicos-ortodoxos ou dos muçulmanos. Naquela hora, eu apenas queria o olhar de ternura que Mladen lançou sobre mim, ao me ver caído segurando o cabo do orelhão como uma corda. *Don't worry, everything is gonna be alright*, ouvi, creio, de longe, mensagem subliminar como paraquedas, encapsulada na vertigem que perdura até hoje. Paz solta, oposta ao terceiro, não, este basta!, me corrói, reacende o medo que paralisa. Ele me dirigiu rochas duras, estalactites que sangram, móveis cheios de ácaro, cheiro de cigarro

velho e duas doses de rakija, uma bebida destilada adocicada. Talvez por ser o único estrangeiro naquele bar da Rua Nušićeva, Miloš veio me interrogar. Era um gerente-general, olhar diferente dos outros, inquiridor. Sem cerimônia, já vinha-vindo, que eu fazia em Belgrado?, sou jornalista do Brasil, jornalista de quê?, de site, desconversei, veio fazer o quê?, cobrir o show de Hurts, acabei de chegar da Belgradska Arena, queria desopilar, beber, contei meia-verdade. Há homens da máfia sérvia, me lembrava baixinho dos avisos que recebi, tome meu e-mail, venha trabalhar comigo, e congelei. Queria fazê-lo entender que o voo partia dali a duas horas, *I'm so far away from home, sorry*, olho de volta para seu rosto e vejo uma cartomante que parecia dizer: “Você vai voltar!”. Trôpago, paguei a conta e desci as escadas correndo pela Rua Knez Mihajlova gelada às quatro da manhã. Tive a impressão de que um pedaço de mim ficou naquele chafariz da Trg Republike, alvejado à queima-roupa. Meu último aviso se vestiu de luz escura e veio ao meu encontro. O vaticínio se fez, que arrepio, no retorno, quando me deparei com Milorad Pavić, minha nova sombra macabra: “Ele viajou milhas e milhas para morrer em seu sonho”.

**SOBRE O AUTOR**

**Rafael Dias** é jornalista e mestrando em Comunicação Social